



FUNDAÇÃO UNIVERSIDADE FEDERAL DE RONDÔNIA – UNIR
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO INTERCULTURAL
CAMPUS DE JI-PARANÁ - RO
CURSO DE LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO BÁSICA
INTERCULTURAL

“O ENSINO DE LINGUAS NA ESCOLA PAITER: Instrumento de fortalecimento cultural?”

Ji-Paraná, RO
2015

GAMALONO SURUÍ

“O ENSINO DE LINGUAS NA ESCOLA PAITER: Instrumento de fortalecimento cultural? ”

Monografia apresentada á Universidade Federal de Rondônia – Campus de Ji-Paraná, como requisito avaliativo para conclusão do curso de Licenciatura em Educação Básica Intercultural, para atuar na área de Ciências da Linguagem Intercultural.

Orientadora: Profa. Ms. Edineia Aparecida Isidoro.

**Ji-Paraná
2015**

GAMALONO SURUÍ

“O ENSINO DE LINGUAS NA ESCOLA PAITER: Instrumento de fortalecimento cultural? ”

Esta monografia foi julgada adequada à obtenção do título de Licenciado em Ciências da Linguagem e aprovada em sua forma final pelo Curso de Licenciatura em Educação Básica Intercultural, pela Universidade Federal de Rondônia.

Ji-Paraná, 01 de janeiro de 2015.

Professor e orientador Ms. Edineia Aparecida Isidoro (Presidente)
Universidade Federal de Rondônia - UNIR

Profa. Dra. Josélia Gomes Neves (Membro externo)
Universidade Federal de Rondônia - UNIR

Prof. Ms. Cristóvão Teixeira Abrantes (Membro externo)
Universidade Federal de Rondônia - UNIR

Prof. Fulano de tal, Dr. (Membro externo)
Universidade...

Prof. Fulano de tal, Dr. (Membro interno)
Universidade...

Prof. Fulano de tal, Dr. (Suplente)
Universidade...

Dedico esta monografia a todos da minha família, minha mãe Inceri Surui, meu pai Oikaa Surui (*in memorian*), *todos meus irmão*. Para minha esposa Léia Solor Surui e meus filhos Oytetere Surui, Oyapadûlet Surui, Oyapagõa Iway Surui, Oya^gaba Iway Surui, Oykoepit Surui que me deram muito apoio nos momentos mais difíceis da minha vida, sendo que estes são as pessoas especiais na minha vida.

Dedico, também a todos os meus alunos que me apoiaram, compreenderam minhas ausências e me estimulam a continuar sendo professor.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, agradeço a Deus por esse trabalho feito.

À todos da minha família, minha mãe Inceri Surui, meu pai Oikaa Surui (*in memorian*) e em nome do meu irmão Rafael Mopimop Surui eu agradeço a todos os meus irmãos pelo apoio durante os cinco anos que tive que me deslocar até Ji-Paraná e eles cuidaram de minha esposa e filhos.

Para minha esposa Léia Solor Surui e meus filhos Oytetere Surui, Oyapadûlet Surui, Oyapagõa Iway Surui, Oyagaba Iway Surui, Oykoepit Surui que me deram muito apoio nos momentos mais difíceis da minha vida, sendo que estes são as pessoas especiais na minha vida.

À todos da aldeia Paiter linha 09, que me escolheram para ser professor da escola Isidoro de Souza Meirelles e me dando força, contribuíram durante a realização do meu trabalho, fizeram de tudo pra eu conseguir concluir o trabalho de conclusão de curso com todo seus apoios. Agradeço, também, por terem aceitado a minha solicitação para desenvolver minha pesquisa nesta aldeia.

Aos meus alunos pelo apoio e paciência, compreendendo minhas ausências e por terem me inspirado a fazer este trabalho.

À professora Edinéia Aparecida Isidoro, pela sabedoria, determinação e muita paciência nas suas orientações durante o meu trabalho, agradeço não só pela orientação, mas também a ela pela amizade, pelo acompanhamento que fez durante meus afastamento quando fiquei doente em num estado tão grave.

Universidade Federal de Rondônia, campus de Ji-paraná, que me ofereceu a oportunidade de fazer um curso tão compensador na área de ciências de linguagem.

Em nome da professora Joselia Gomes Neves, agradecer a todas as pessoas não indígenas que nos apoiaram na criação desse curso.

Ao movimento indígena e a todos os alunos da turma A que tiveram um importante papel na implantação do curso de Licenciatura em educação Básica Intercultural e por todos aqueles que lutaram para que este curso fosse possível;

Agradeço também a todos os meus professores durante o curso que me motivaram bastante no meu trabalho como professor, aos professores do DEINTER: Edineia Aparecida Isidoro, Cristovão Teixeira Abrantes, Luciana Castro de Paula, Kécio Gonçalves Leite, Genivaldo Fróis Scaramuza, Reginaldo de Oliveira Nunes, Maria Lucia Cereda Gomide, João Carlos Gomes; professores colaboradores de outros departamentos ou Universidades: Paulo

Sergio Dutra, Lidiane Szerwinsk Camargos, Aparecida Augusta da Silva, Joselia Gomes Neves, Maxwell Gomes Miranda, Ana Sueli Arruda Camara Cabral.

Agradeço a todos os meus colegas de curso pelo apoio e especialmente ao Joaton Surui, Adriano Pawah Surui, Carlos Oro Waramjien, Francisco Oro Waramxijien, Olivia Cabixi, Arão Oro Waram Xijein e Raul Tupari, pela amizade e por compartilhar momentos tão especiais dentro e fora da universidade.

Meus muito obrigados!

“Texto”

Autordo texto (ANO, p. N)

RESUMO

Neste trabalho apresentamos a pesquisa que foi realizada na aldeia Paiter linha 09, da terra indígena Sete de Setembro no município de Cacoal-RO, onde a escola Isidoro de Souza Meirelles está inserida. O objetivo do trabalho foi investigar se o ensino de línguas na escola está contribuindo para o fortalecimento dos conhecimentos do povo Paiter e da sua língua. Para desenvolver este trabalho realizamos várias leituras sobre o ensino de línguas, ensino bilíngüe, a legislação que trata da educação escolar indígena, sobre planejamento, como o Referencial Curricular para as escolas Indígenas (1998) e alguns autores cito: Megale (2005), Grojean (1982), Isidoro (2006), Neves (2009), Freire (2004) além de outros. Na pesquisa de campo realizei observações das aulas, entrevistas com os sabedores da aldeia sobre a educação Paiter e educação escolar hoje, além de entrevistas com alunos; na análise documental, verifiquei os planejamentos dos professores, caderno de alunos e livros didáticos. Após a análise verifiquei que o ensino de 1º a 3º ano só acontece na língua Paiter e de uma forma que contribui para o fortalecimento da cultura e da língua, depois do terceiro ano a língua portuguesa é introduzida, mas não é a mais importante. Já no ensino de 6º ao 9º a língua e a cultura Paiter perdem espaço apesar de algumas atividades isoladas de professores indígenas e não indígenas, a valorização da língua e da cultura nestes anos não são objetivos relevantes. Então consideramos que a escola ainda não valoriza a língua e a cultura do povo Paiter como deveria. Por meio destes resultados podemos repensar o ensino de línguas na escola da aldeia Paiter, para que ele seja um meio para fortalecer a língua e a cultura do povo Paiter.

Palavras Chaves: Educação Paiter. Ensino de Línguas. Valorização Cultural.

RESUMO NA LINGUA PAITER

Ãh omasoe same kar oje aldeia paiter linha 09 koy e, gara eset esade sete de setembro wa e Cacoal koy ani e, eyap goy sodigah eset sade Isidoro de Souza Meirellis ekoy oje omamerekar ate sodigah sinã goe ka pamakobah we same yõh gûya ter ih, paiter emã soe same yõh ih. Eyap same kar lade ewemi ojenã enã sodige same sa goe ka palomakobah aniãh we kar enã e, goe akalar sameka gobawe sade ani ewe ikin e, enã lat gobah we same siãh legislação sade ewe ka ikin maxiteh, planejamento sade lat emasodigah ka ani ewe tohta yakade anie (1998), maey sade goe ka gobah we same itxa ani e eikin ojenã maxiteh enã e: Megale (2005), Grojean (1982), Isidoro (2006), Neves (2009), Freire (2004) maey txe saba. Omamerear ojenã ãhna e sodige ikin, ikãyey ka omamerekar kanã pagobah we minã mater tarmã, enateh gûnã we ka, sodihgey eka omamerekar kanã meya meykobah anih, iwe samepit enã sodihgey emã caderno ikin, sodihge makit ey emã planejamento ikin, tama livro ikin. Eyap mi oje iwe kar epi ojenã 1º e 3º ano ey bo sinã paiter koe tig a akobah anih e, one bo yakinã akoe mãtxe anih, ebo 3º ano depi tasadenã yara koe same ka akobah we same tãg ãh ani e. Ebo 6º e 9º ano ey sadenã õhne goe ka akobah anie, manã xûrah enã, õhne paiter sade iwe kane ewe mi, eyap ye nekoy õhne sodigah sadenã goe ka gobah eyõh ena e, etigmi bo iwe same magawe sadenã awe same pin ani e, baga oga okoe kamare we nekoy eteh yaba oma soe pakob apin ã.

Palavra chave: Paiter kobah we. Goe ka gobah we. Oma cultura masoe magûy e.

LISTA DE FIGURAS

NENHUMA ENTRADA DE SUMÁRIO FOI ENCONTRADA.

Imagem 25. Atividade 3 dos alunos de sexto ano.

LISTA DE GRÁFICOS

NENHUMA ENTRADA DE SUMÁRIO FOI ENCONTRADA.

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Exemplo **Erro! Indicador não definido.**

LISTA DE SIGLAS

CONDISI	Conselho Distrital de Saúde Indígena
DSEI	Distrito Sanitário Especial Indígena
FUNAI	Fundação Nacional do Índio
FUNASA	Fundação Nacional de Saúde
MEC	Ministério da Educação
SASISUS	Subsistema de Atenção à Saúde Indígena
SESAI	Secretaria Especial de Saúde Indígena
T.I.	Terra Indígena

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	17
CAPITULO I.....	19
POVO PAITER – GENTE DE VERDADE.....	19
CAPITULO II – A EDUCAÇÃO ESCOLAR INDÍGENA E O ENSINO DAS LÍNGUAS NA ESCOLA.	23
2.1. Educação escolar entre os Suruí	25
2.2. O Povo Paiter e sua língua	29
CAPITULO – III - A EDUCAÇÃO PAITER E O ENSINO NA ESCOLA DA ALDEIA PAITER – REFLETINDO SOBRE O ENSINO DE LÍNGUAS.....	34
3.1. Contexto da pesquisa	34
3.1.1 – A Aldeia.....	34
3.1.2. A escola Isidoro Meireles	35
3.2. Como procedemos para desenvolvermos a pesquisa	38
3.3- Os dados da Pesquisa e a análise	41
3.3.1. A educação Paiter – a fala dos mais velhos.....	41
3.3.2 - Observação das aulas, entrevista e analise documental.....	49
3.3.2.1. Professor do primeiro seguimento do Ensino Fundamental.....	49
3.3.2.2 -Refletindo sobre minhas aulas – professor Gamalono Surui	58
7.3. 3- Análise documental – segundo seguimento do Ensino fundamental	70
REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS	84
ANEXOS.....	86
APÊNDICE	87

INTRODUÇÃO

Nesta monografia apresentamos a pesquisa que foi realizada na aldeia Paiter linha 09, da terra indígena sete de setembro no município de Cacoal-RO, onde a escola Isidoro de Souza Meirelles está inserida.

O objetivo do trabalho foi investigar se o ensino de línguas na escola está contribuindo para o fortalecimento dos conhecimentos do povo Paiter e da sua língua. Percebi que a língua portuguesa aos poucos vem tomando espaço da língua materna na comunidade, ao longo da convivência com a sociedade não indígena, apesar da língua Paiter ser mais utilizada na minha aldeia. Então me veio a ideia de realização deste trabalho pela minha preocupação sobre a situação de uso de língua na minha comunidade.

Considere importante também, por atuar como professor e ser da área de ciências da linguagem, investigar se o ensino de línguas na escola está contribuindo para o fortalecimento dos conhecimentos do povo Paiter e da sua língua. Então a principal questão desta pesquisa foi, será que a escola contribui para o fortalecimento da cultura e da língua Paiter ou acaba acelerando sua perda?

Para desenvolver o trabalho em um primeiro momento realizamos a leitura de texto de vários autores, fizemos observações das aulas de 1º ao 9º ano do ensino fundamental na área de linguagem, depois desta fase realizamos entrevistas com os velhos da aldeia sobre a educação Paiter antes do contato com a sociedade não indígena e a educação Paiter hoje, entrevistamos os alunos sobre a importância de língua materna para ele e porque gosta de estudar na escola indígena.

Depois das entrevistas partimos para a análise documental: livros didáticos, cadernos dos alunos, caderno de planejamentos para ver se os cadernos dos alunos estavam de acordo com o caderno de planejamento dos professores de língua materna e para analisar o conteúdo que os professores trabalham.

Esta pesquisa é relevante para também a partir desta verificação melhorar o nosso trabalho como professores de línguas com relação ao fortalecimento cultural e lingüístico.

Os estudos teórico buscamos nas leituras dos seguintes autores: Antonieta Heyden Megale – Bilinguismo e Educação bilíngue, Antonella M. I. Tassinari – Escola indígena: Novos horizontes teóricos, Novas fronteiras de educação, Carla Sofia de Paula Santos – O contato lingüístico entre duas línguas de modalidade diferentes, Edinéia Aparecida Isidoro – Situação Sociolingüístico do povo Arara: Uma historia de luta e Resistência, Paulo Freire - Pedagogia da autonomia: Saberes necessários a Prática educativa, entre outros.

O trabalho em foi organizado em três capítulos. No primeiro capítulo falo sobre “O Povo Paiter – gente de verdade” conto um pouco do histórico do povo Paiter desde o contato, de onde veio, onde está vivendo e como vive hoje.

No segundo capítulo “Educação escolar indígena e o ensino de línguas na aldeia”, faço um breve histórico sobre a educação escolar indígena no Brasil, sobre a trajetória das lideranças indígenas na luta por uma escola diferenciada, para assegurar nossos direitos na Constituição, para que através dessa educação diferenciada reconhecessem o valor da cultura e da identidade de cada povo. Também escrevo brevemente o histórico do ensino de línguas para os Paiter.

O terceiro capítulo é onde falo sobre a metodologia que utilizei, descrevo e analiso os dados. Falo sobre a educação Paiter a partir dos dados coletados com os mais velhos, sobre o ensino na escola da aldeia hoje, reflito sobre o ensino de línguas na escola da aldeia Paiter.

Por último, exponho as minhas considerações com os resultados deste trabalho.

CAPITULO I - POVO PAITER – GENTE DE VERDADE

Paiter significa "gente de verdade, nós mesmos". O povo Paiter é conhecido também por Suruí, nome que foi dado por antropólogos, fala a língua do tronco tupi, família Mondé.

Contam os mais velhos que os antigos que este povo migrou do Mato Grosso para Rondônia a procura de um lugar seguro, mas quando chegou aqui viu-se cercado por todos os lados por outros povos indígenas e também pelos brancos. Depois de muitas lutas, guerras e doenças não tiveram outra saída a não ser fazer contato com os não-índios.

Sete de setembro de 1969 foi quando aconteceu o contato do povo Suruí por meio do sertanista Francisco Meireles e seu filho Apoena Meireles, por isso a terra indígena recebeu o nome de terra indígena Sete de Setembro em uma época de muitos confrontos com colonos. O contato aconteceu na linha 12 onde o povo Paiter vivia em uma grande aldeia. Depois do contato uma parte do grupo do clã Gapgir abriu uma aldeia no sentido do município de Espigão do Oeste, RO, onde tem aldeia até hoje. No mesmo ano, aconteceu uma grande invasão na terra indígena pelos colonos, onde o povo Paiter entrou em confronto com os brancos, mas houve a intervenção de Francisco Meireles que veio e conversou com os brancos e com os índios. Então com ajuda do sertanista os Suruí criaram uma comissão de lideranças para ir a Brasília pedir a demarcação da terra. Foi somente em 1979 que finalmente a terra foi demarcada e homologada em 17 de outubro de 1983 e os colonos foram retirados da reserva 7 de setembro, dia do primeiro contato com os Suruí.

Hoje na terra indígena Sete de Setembro há 26 aldeias, com uma população de aproximadamente, 1172 pessoas segundo (FUNASA, 2010), já o CENSO (2010) menciona uma população de 1.238 pessoas.



Imagem 1. Mapa da Terra Indígena Paiter.¹

As aldeias Paiter localizam-se no entorno da terra indígena como estratégia de proteção da área como podemos observar no desenho do mapa da terra indígena acima. No ano de 2005 devido a invasão de madeireiros algumas famílias começaram a se mudar próximos ao limites das áreas, na região de Rondônia, a terra indígena Sete de Setembro está localizada em três municípios: Ministro Andreazza, Cacoal, Rondônia e Espigão do Oeste. A população tem uma relação mais próxima com o município de Cacoal por onde está a coordenação regional da FUNAI e da SESAI localiza-se neste município.

O povo trabalha com pequenas roças de café, banana, mandioca, amendoim, milho, batata doce, inhame entre outras. No quintal das casas tem frutas plantadas como laranja, tangerina, coco, jabuticaba, acerola. Nos meses de novembro e dezembro a maioria das famílias coleta castanha no mato, é o período da castanha. É costume hoje criar galinha, ter tanque de peixe e ter gado. Os pastos para criar o gado são individuais, ou seja, por família, e cada um cuida do seu, esse gado também é comercializado. A criação de peixe é um

¹ Desenho de: Gamalonô Suruí.

projeto que beneficia a toda a comunidade, tem um responsável na comunidade que organiza os trabalhos, este projeto é financiado pelo governo estadual. Das atividades econômicas de subsistência desenvolvidas na aldeia o café, banana, castanha e o excedente das outras plantações são comercializados na cidade.

As atividades na aldeia são divididas de acordo com o gênero. As mulheres trabalham na fabricação dos artesanatos para vender e ganhar seu dinheiro, que é utilizado para as despesas pessoais e as despesas da casa. Elas ajudam os maridos na atividade da roça, os homens limpam o local do plantio, faz a cova e as mulheres plantam. Dizem os mais velhos que quando as mulheres plantam, a roça é mais produtiva.

Além de trabalhar na roça os homens fiscalizam o seu território, caçam, pescam e são responsáveis pela coleta de castanha, mas as mulheres e crianças estão presentes também nesta atividade.

Os Jovens trabalham na roça ajudando o pai, caçam, pescam, estudam, cantam na língua materna, brincam de bola toda à tarde no campo.

As jovens acompanham a mãe em suas atividades e aprendem com ela a fazer artesanato, preparar os alimentos etc.

As crianças brincam no terreiro da aldeia, estudam, cantam música na língua materna.

Hoje há outras profissões remuneradas na aldeia como professor, AISAN². AIS³, Técnico de enfermagem e os aposentados que compõem a economia das aldeias. Também o povo se organiza em associações, hoje há seis associações nas terra indígena Sete de Setembro, algumas empregam jovens para os trabalho administrativo desenvolvidos por ela.

Nas aldeias Paiter tem igrejas evangélicas de três denominações: Batista que é chamada de igreja Paiter, assembléia de Deus, Adventista do Sétimo Dia, a maioria da população é evangélica. Há ainda dois pajés suruí, mas que hoje em virtude da conversão não exercem mais esta função.

Os Paiter se organizam em clãs que são: Gameb, Gapgir, Kabam, Makor que são base para organização social, política e casamentos.

Devido a influencia da religião alguns casamentos hoje são realizados na igreja da mesma forma que os não indígenas, as mulheres vestem-se de branco, os homens de terno e fazem a cerimônia. Antes não era assim. Desde criança o avô comprometia o neto e a avó

2 AISAN – Agente Indígena Sanitário.

3 AIS – Agente Indígena de Saúde.

comprometia a neta para determinada menina ou menino, que geralmente era a sobrinha materna do menino e o tio materno da menina. Quando a menina tinha a primeira menstruação ficava um tempo meses de reclusão, que variava de três a seis meses dependendo da família, até formar o corpo e tinha uma dieta específica. Se não fizesse isso o corpo da menina não ia se formar. Um dia antes de ela sair, o seu pai ia ao encontro do rapaz o qual estava comprometida e dizia que ela ia sair e ele precisava se enfeitar. Avisava também os pais do moço. Então, no momento em que ela saía ele apresentava sua filha que estava toda pintada e enfeitada, lá ela pintava todo o corpo antes de se casar com o seu tio materno e dizia que ela havia recebido os ensinamentos de como tratar o marido, de como educar seus filhos e deixava a filha sob a responsabilidade do rapaz. Os rapaz era aconselhado pelo pai e avós e desde o seu comprometimento já começada a sustentar a família da moça. No casamento ele era aconselhado sobre o seus deveres de marido, de não brigar com ela, de cuidar bem dos filhos e cumprir todas as suas obrigações, entre outros.

Os Surui pode ter mais de uma mulher, mas apenas quando o tio materno tem mais de uma sobrinha, isso para evitar que a sobrinha não se casasse fora do parentesco, que era proibido pela cultura do Surui Paiter, atualmente é raro acontecer casamento com mais de uma mulher, mas pode acontecer.

A língua falada pelos Paiter pertence a família Mondé, tronco Tupi. Apesar de influencias da sociedade não indígena, do contato com as cidades próximas a área indígena a comunicação na aldeia se faz com a língua materna, e na escola se ensina Paiter. A língua ainda é bem forte. No decorrer deste estudo este assunto será abordado com mais detalhes.

CAPITULO II – A EDUCAÇÃO ESCOLAR INDÍGENA E O ENSINO DAS LÍNGUAS NA ESCOLA.

Muitos indígenas em Rondônia participaram da luta por uma educação diferenciada, lutaram para assegurar na Constituição Federal direitos e reconhecimento da diversidade, da diferença e da possibilidade de sermos cidadãos brasileiros e cidadãos Suruí, Cinta Larga, Arara, Gavião, Maxakali etc. O que se esperava era construir uma educação escolar indígena diferenciada de assegurar os direitos indígenas na educação e reconhecer a valorização da cultura e da identidade de cada povo.

A educação escolar indígena ao longo da sua trajetória foi marcada por quatro fases segundo Ferreira (2001).

A primeira fase é marcada pela catequização dos indígenas com objetivo de integrar e negar a diversidade dos índios.

A segunda fase é marcada pela criação do SPI, o estado resolveu formular uma política indigenista menos desumana, com relação a educação escolar houve uma preocupação com a diversidade linguística e cultural dos povos indígenas. Criou-se as escolas com ênfase nos trabalhos domésticos e agrícolas. Os indígenas não se adaptaram, então propuseram uma escola voltada aos trabalhos e jeito de viver de cada grupo. Com a extinção do SPI e a criação da FUNAI no ano de 1967 houve um convênio da FUNAI com o SIL para trabalhar um política de ensino bilíngue na escola indígena e nesta fase ainda a FUNAI investiu na capacitação dos professores indígenas para assumirem cargo de professor na sua aldeia.

A terceira fase é marcada pelas propostas de formação dos professores indígenas por Organizações Não-governamentais. Muitas Ongs ofereceram cursos de formação de professores indígenas. No estado de Rondônia houve o IAMÁ – Instituto de Antropologia e Meio Ambiente. Segundo Isidoro (2006, p.81)

Em Rondônia, tanto o CIMI quanto o IAMÁ tiveram importante papel neste momento histórico para a educação escolar indígena. Começaram os cursos de formação de professores indígenas. Muitos dos que hoje atuam foram alfabetizados e iniciaram seus trabalhos nas comunidades. O IAMÁ encerrou suas atividades em Rondônia em 1991.

A quarta fase foi a experiência de autoria da organização do movimento indígena aos encontros indígenas de professores índios. O objetivo era fortalecer as políticas indígenas e as organizações indígenas. A questão da educação escolar esteve sempre no horizonte das reivindicações do movimento indígena organizado (FERREIRA, 2001).

Como frutos dessas lutas atualmente existe magistério indígena para capacitar os indígenas para atuarem na escola, podemos dizer também que os cursos de licenciaturas que existem em todo o país é fruto, também, desta luta. Em Rondônia em 1998 iniciou a primeira turma de magistério indígena e hoje está na terceira turma. Há também desde 2009 o curso de Licenciatura em Educação Básica Intercultural da Universidade Federal de Rondônia, que está no quarto processo seletivo.

Hoje, apesar das grandes conquistas legais e direito adquiridos, por meio da luta de tantas lideranças indígenas, indigenistas, antropólogos, linguistas, universidades, ONGs, estamos vivendo um momento em que nossos direitos estão ameaçados, tanto com relação a Terra, aos modos próprios de viver, a religião, a língua e a concretização de uma educação diferenciada.

A língua indígena em todo processo histórico da educação escolar indígena foi utilizada como instrumento de dominação e de integração. O RCNEi (2005, p. 118) discute esta questão:

A história da educação escolar indígena revela que, de um modo geral, a escola sempre teve ter objetivo integrar as populações indígenas à sociedade envolvente. As línguas eram vistas como o grande obstáculo para que isso pudesse acontecer. Daí que a função da escola era ensinar os alunos indígenas a falar e a ler e escrever em português. Somente há pouco tempo começou-se, em algumas escolas, a utilizar as línguas indígenas na alfabetização, ao se perceber as dificuldades de alfabetizar alunos em uma língua que eles não dominavam o português. Mesmo nesses casos, no entanto, assim que os alunos aprendiam a ler e a escrever, a língua indígena era retirada da sala de aula, já que a aquisição da língua portuguesa continuava a ser a grande meta. É claro que, tendo sido essa a situação, a escola contribuiu muito para o enfraquecimento, para o desprestígio e, conseqüentemente, para o desaparecimento de línguas indígenas. (p. 118)

Com a Constituição Federal o ensino da língua indígena na escola passa a ser um direito no seu Art. 210.

§ 2º O ensino fundamental regular será ministrado em língua portuguesa, assegurada às comunidades indígenas também a utilização de suas línguas maternas e processos próprios de aprendizagem.

Reafirmado na LDB , Art. 32

§ 3º. O ensino fundamental regular será ministrado em língua portuguesa, assegurada às comunidades indígenas a utilização de suas línguas maternas e processos próprios de aprendizagem.

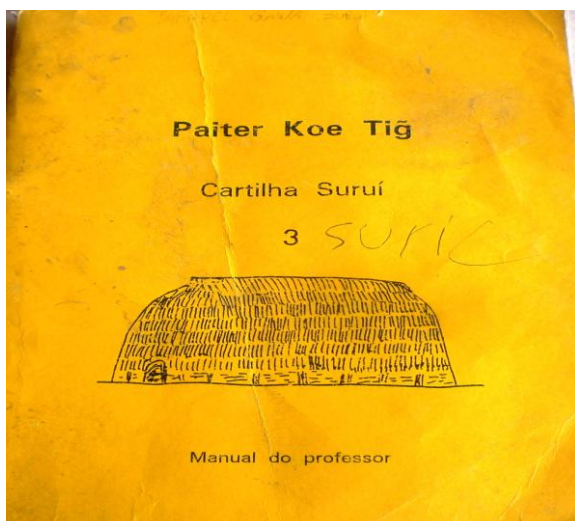
Mesmo assim é necessário muita consciência dos professores indígenas e profissionais que atuam nas escolas para efetivamente garantir que a língua indígena e portuguesa tenha o mesmo valor na escola indígena.

2.1. Educação escolar entre os Suruí

Alguns anos depois do contato com a sociedade não indígena o povo Paiter ainda não conhecia a escola nem a escrita, pouco depois do contato chegou o casal missionário “Bio e Carolina” então começaram a ensinar a escrita de língua portuguesa e depois na língua Paiter, produziram uma primeira cartilha. Mas ainda neste período não havia escola. Começaram com os velhos, mas eles não entendiam e não ficaram muito interessados, mas informavam algumas palavras, depois os jovens começaram a gostar e entenderam que os não indígenas tinham essa educação – a da escrita. Eles traduziram a bíblia na década de 90. Este casal viveu mais na linha 11 na aldeia Amaral. Nesta aldeia que os primeiros indígenas Paiter se converteram ao cristianismo.

Estes missionários propuseram uma escrita da língua Paiter e elaboraram vários livros/cartilhas, em vários volumes de livros de 1 a 5, juntamente com os alguns indígenas como intérpretes. Estes livros contém palavras, textos e desenhos na língua materna com todas as traduções na língua portuguesa, com o objetivo de ensinar a língua escrita Paiter para o povo. Então coloco algumas partes dos livros que fotografei a seguir:

Imagem 2. Capa cartilha Suruí n° 3



Capa de um volume dos primeiros livros que foi elaborado pelo casal missionário “BIO e CAROLYN”, A partir desta cartilha este casal de missionário sugeriu o alfabeto Paiter.

Contra capa da cartilha escrita na língua Paiter que significa “escrita da língua Paiter”, elaborado por Carolyn Bontker, Gaami Suruí e Meresor Suruí.

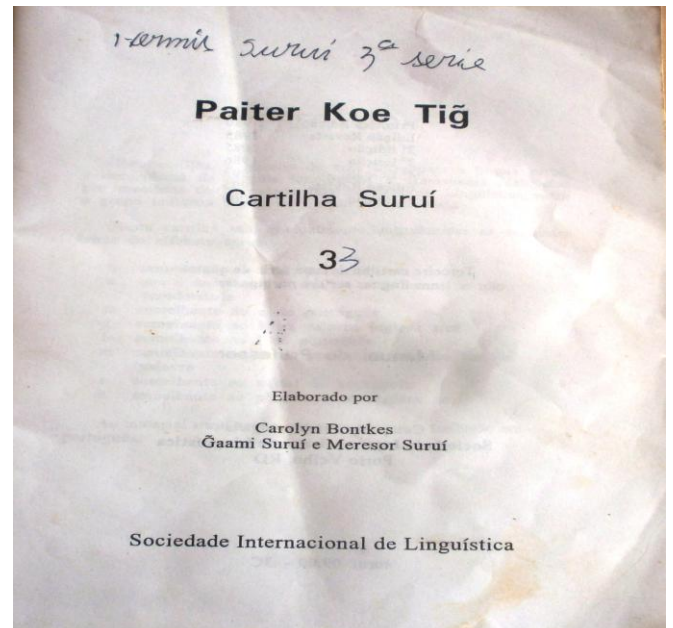


Imagem 3. Contra capa cartilha Suruí nº 3.

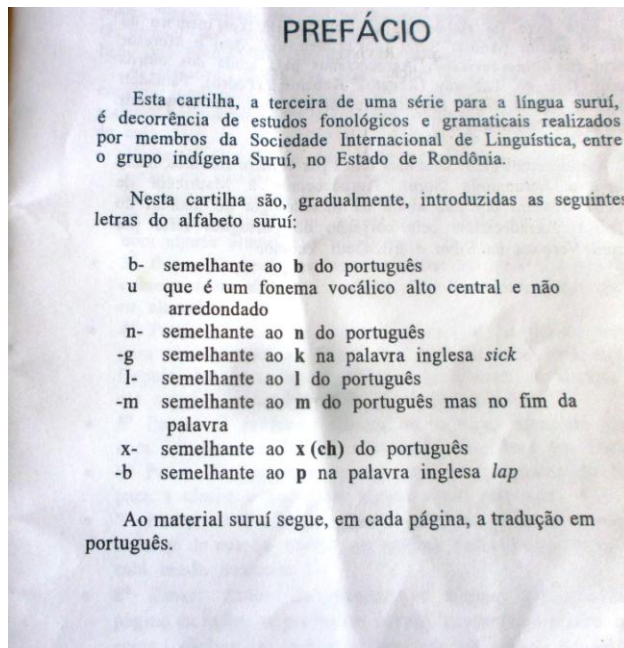


Imagem 4. Prefácio da cartilha Suruí nº 3.

Terceira parte mostra desenho, palavras substantivas e traduções na língua portuguesa, percebe-se que ao formar palavras identificou radical das mesmas.

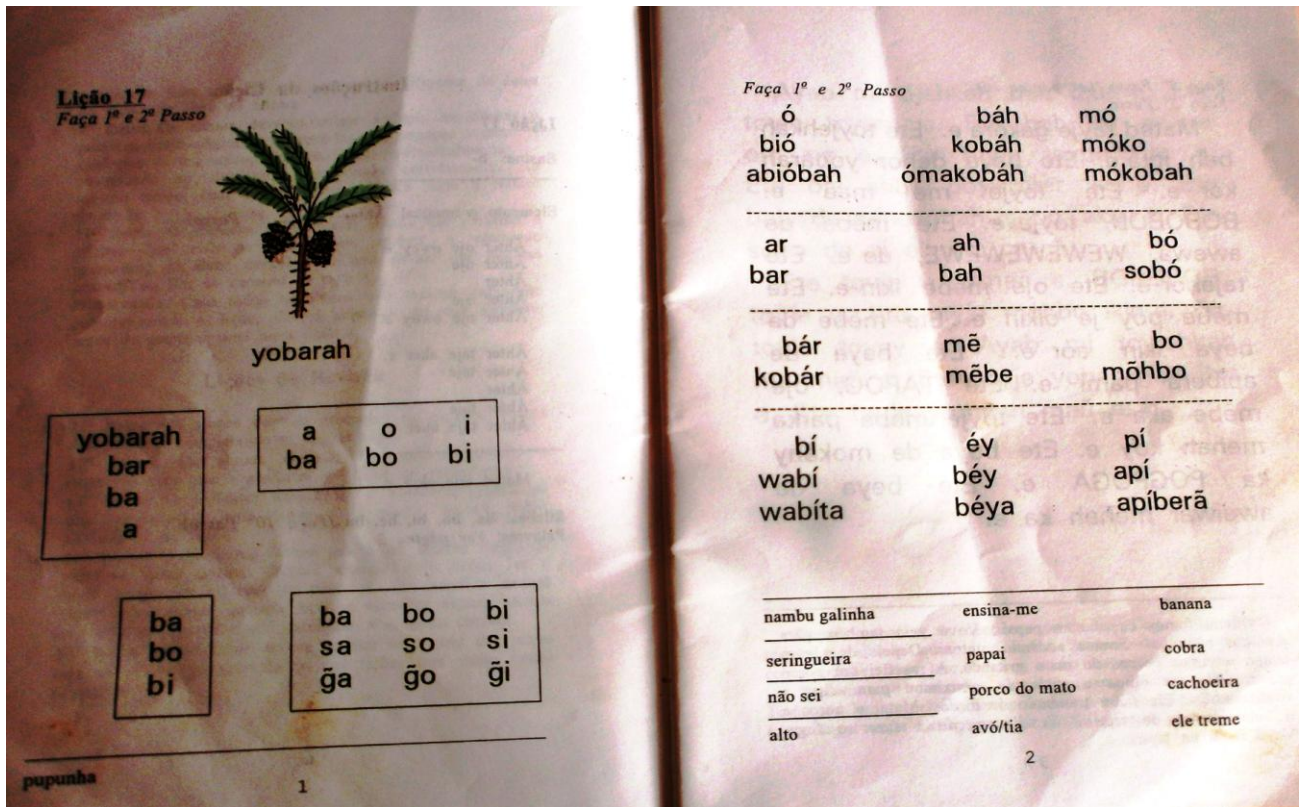
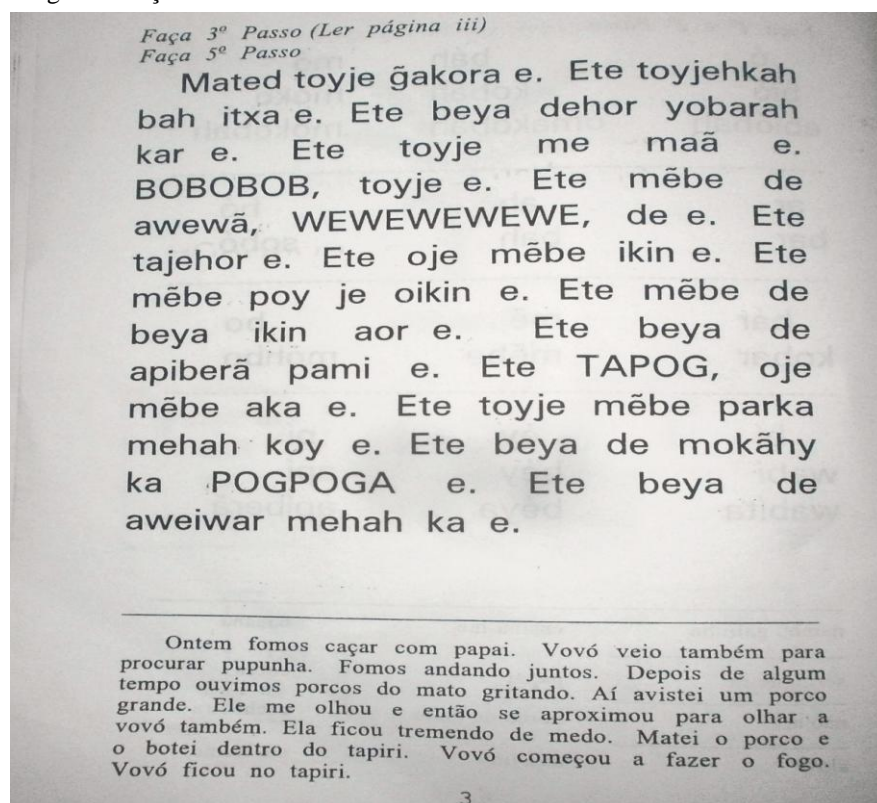


Imagem 5. Lição 17 da cartilha Surui nº 3.

Na terceira parte mostra o desenho, logo em seguida a palavra, sempre um substantivo concreto, destacando a sílaba que se quer trabalhar e abaixo a traduções na língua portuguesa.

Depois de trabalhar a palavra, a sílaba, tem um texto relativo ao desenho.

Imagem 6. Lição 17 da cartilha Surui nº 3



Em seguida, em outra página encontra-se o texto do desenho anterior, logo abaixo do texto está a tradução do mesmo na língua portuguesa, observa-se que algumas palavras com letra maiúscula são onomatopéias – wewewewewe- barulho que o porção faz e bobobob – barulho dos passos sem o ruído das folhas, mas na tradução da língua portuguesa desaparecem as onomatopéias. Então esse livro foi elaborado desta maneira em todas as páginas como está na sequência da pagina 1 á 3, que assim totaliza 44 páginas.

A utilização destes livros/cartilhas pelos Paiter aconteceu bem antes de eles se interessarem pela escola.

Daí então, os jovens começaram a gostar de escrever, ao longo da convivência com a sociedade não-indígena, segundo informações dos mais velhos perceberam que dentro da sociedade não indígena existia a escola e alguns indígenas colocaram seus filhos na escola dos colonos sem saber direito como era o funcionamento, sem ter conhecimentos sobre a escola, as crianças eram monolíngües em Paiter, os filhos não sabiam falar em português somente falava na sua própria língua materna, então foi assim que os Paiter começaram a frequentar a escola, segundo KAIGANG apud FREIRE, 2004:28

a escola na comunidade indígena é como um corpo estranho, que ninguém conhecia. Quem a estava colocando sabia o que queria, mas o índio não sabia, hoje os índios ainda não sabem para que serve a escola. Esse é o problema. A escola entra na comunidade e se apossa dela, tornando-se o dono da comunidade, e não a comunidade o dono da escola.

Atualmente o povo Paiter frequenta a escola que é conhecida geralmente como a educação escolar indígena. As escolas foram implantadas nas aldeias do povo Paiter surui por volta de 1991 pela FUNAI, onde os alunos indígenas frequentam no seu dia a dia até hoje.

Não existe ainda uma discussão sistemática sobre o currículo, entretanto há uma preocupação do setor pedagógico da coordenação de educação escolar indígena da CRE em avançar na discussão sobre currículo das escolas indígenas. Há alguns trabalhos, também, em projetos realizados pela Universidade Federal de Rondônia e ao logo do curso de Licenciatura em Educação Básica Intercultural. Podemos encontrar na prática de alguns professores metodologias e conteúdos que marcam uma educação mais específica, mas esta não está explícita no currículo proposto para escola.

Hoje o povo Paiter entende que, a escola é um dos lugares onde a relação entre os conhecimentos próprios e os conhecimentos das demais culturas deve se articular,

constituindo uma possibilidade de informação e divulgação para a sociedade nacional de saberes e valores importantes até então desconhecidos. (RCNEI, 2005). Esta forma de ver a escola está apresentada na entrevista com sabedores indígenas no capítulo III, deste trabalho.

2.2. O Povo Paiter e sua língua

A língua Paiter é a língua de comunicação nas aldeias. Ela é utilizada no cotidiano da aldeia, todas as pessoas falam e entendem com mais ou menos fluência esta língua, logo, se considerarmos o conceito de bilingüismo de Macnamara em que “um individuo bilíngüe é alguém que possui competência mínima em uma das quatro habilidades lingüística (falar, ouvir, ler e escrever) em uma língua diferente de sua língua nativa" (Apud MENGALE, 2005, p.6), toda a população Paiter seria bilíngüe. Esta é a concepção de bilingüismo que assumo neste trabalho.

Existe, também, uma prática da escrita na língua Paiter no cotidiano da aldeia, principalmente pelas crianças que brincam com a escrita, escrevem nas paredes, desenham e coloca o nome na língua. Também é possível encontrar bilhetes escritas na língua Paiter.

A seguir veremos algumas fotos ou imagens das escritas que as crianças expõem na parede de casas e bilhete na comunicação na sala de aula.



Imagem 7. Escrita dos alunos na parede das casas.

Esta imagem foi encontrada na parede de casa na aldeia, um desenho de peixe com nome escrita na língua materna do Paiter.



Imagem 8. Escrita dos alunos na parede das casas.

Mais outra imagem encontrado na parede de casa também na escrita Paiter, que significa preto. Foi interessante esta imagem porque está escrita na forma fonética, mas ortograficamente está incorreta, ou seja se fala xiiwa e xiip ah mas se escreve xiip ah. Veja só a diferença na separação de sílabas, [xi-i-wa], [xii-wa], esta duas possibilidade de separação de sílabas não tem nenhum significado na língua Paiter, mas se a escrita correta é assim “xiip ah” [xi-ip = preto; ah = classificador]. Por haver variação na fala, há dúvida na escrita.

Também observamos que as crianças e jovens utilizam-se de bilhetes na língua para se comunicar. Vejam o bilhete abaixo.

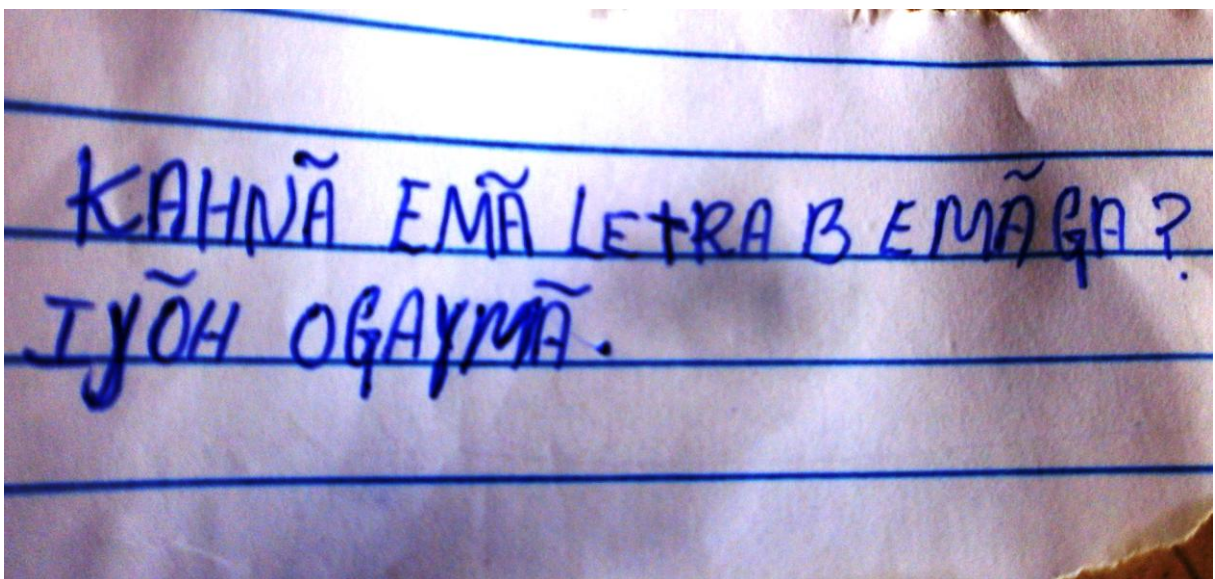


Imagem 9. Bilhete dos alunos.

Este bilhete foi encontrado na sala de aula, em língua portuguesa significa “Como você fez a letra B, passe-me”. Pelo jeito que tá escrito, percebe-se que o aluno pediu ajuda na hora da prova ao seu colega na sua língua materna. Nesta frase também verificamos um empréstimo da língua portuguesa "letra B".

A língua Paiter é utilizada com mais freqüência na aldeia, entretanto, apesar de ser esta a língua de comunicação nas aldeias e falada em todos os espaços sociais da comunidade, percebe-se que há um avanço da língua portuguesa em relação à língua Paiter. Podemos dizer que isso é devido às inúmeras maneiras que a língua portuguesa invade os espaços da aldeia, seja pelos meios de comunicação: rádio, televisão, DVD; seja pelos meios impressos, jornais revistas, cartazes e pela própria escola que tem quase que exclusivamente material em língua portuguesa. Além disso, há hoje temas que são exclusivamente relacionados a cultura não indígena, que por necessidade do contato os indígenas foram se apropriando, por exemplo a linguagem utilizada na organização de uma associação, os assuntos relacionados a FUNAI, SESAI e a própria educação indígenas, além das várias questões sobre política indigenista e tecnologias.

Desta forma, os Paiter têm se apropriado de alguns termos que não faziam parte do seu dia-a-dia. Os empréstimos lingüísticos, que são palavras e expressões de uma língua que são incorporadas no léxico de uma outra, ocorrem quando nós, Paiter, utilizamos uma palavra que não conhecíamos antes do contato com o não-índio, incorporando a palavra na nossa fala no dia-a-dia, por exemplo: televisão, geladeira, bola etc. Então os empréstimos aparecem quando necessitamos falar as novas palavras, sejam elas para nomear novos objetos ou novos termos. Há também os empréstimos que acompanham a fonologia da língua, por exemplo: *coye*- colher; outros empréstimos são utilizados simultâneos a língua Paiter, usa-se, por exemplo, *mipehsewap* (*mipeh* - pé, *sewap* - capa) palavra utilizada para nomear todos os tipos de calçados e ao mesmo tempo usa-se – chinelo, sapato, tênis, sandalha; no caso os mais velhos usam apenas a palavra *xapato* para sapato para todos os calçados e os jovens já fazem as nomeações específicas. No caso a palavra "reunião" falamos quando vamos nos reunir para resolver assuntos relacionado aos brancos, o sentido dessa palavra não existia na nossa língua, hoje já está incluída no vocabulário da língua Paiter. Nossa preocupação está em não permitir que haja aos poucos substituição das palavras em Paiter, pelas palavras em português.

Então, às vezes criamos palavras para nomear objetos que não tínhamos antes do contato, outras vezes falamos adaptando-a foneticamente para Paiter, outras, ainda, emprestamos como o português. Por exemplo:

Tabela 1. Lista de palavras que os Paiter conheceram depois do contato

NOME PORTUGUÊS	EM	ADAPTAÇÃO FONOLÓGICA	POR ANALOGIA		EMPRÉSTIMO
Relógio		-	Gat ikinap- Sol instrumento que serve para acompanhar	Gat-sol Ikinap- instrumento serve para acompanhar	Relógio
Televisão		Televixao	Soma keneneap	Algo que transmite imagem	Televisão
Café		Kapeh			
Celular					Celular
Computador					Computador
Reunião		Sonião			Reunião
Cidade		Xidade	Yarakalab	yara - não indígena kalap - muito	Cidade
Arroz		Asoy	Payaykap	payay - capim kap - semente	
Açúcar		Axuka			
Guaraná		Gurana			
Bicicleta			Waoti kariya	wao - jacaré ti – grande kariya - esqueleto (waoti – carro)	Bicicleta
Fogão					Fogão
Cama					Cama
Escola			Sodĩgah	So- classificador dĩgah- ensinar	
Telefone					Telefone
Maquina fotográfico			Ixoigap	ixo – imagem gap – que faz	
Remédio					Remédio
Gelo			Itxer ah	itxer – água ah – classificador coisa sólida	
Waotih			Carro	wao – jacaré tih – grande	
Lápis			Sodigap	so – classificador coisa	

			digap – que serve para escrever	
Quantidade		Sogatxer	so gatxer - muito	
Casa		Lap		
Fósforo e isqueiro		Mokãya	mokãya – fogo a – caixa	
Vassoura		Ixoligap	ixola – lixo igap – que tira a sujeira	

Um outro fenômeno encontrados em línguas em contato é a alternância de línguas. No texto de Paula Santos (2010) encontramos várias definições deste fenômeno por vários autores:

Crystal (1987) afirma que a alternância de línguas acontece quando um indivíduo bilingue intercala duas línguas durante o diálogo com outra pessoa bilingue. Berthold, Mangubhai e Bartorowicz (1997), referem que a alternância de línguas ocorre quando um falante de uma língua muda para outra língua a meio da sua conversa (Skiba, 1997). (p.18)

Verificando os momentos de interação do povo Paiter seja no cotidiano da aldeia, seja em sala de aula, não observamos alternância da língua. Sempre os Paiter falam em Paiter com seus pares e em português com os não indígenas. Agora, quando são os filhos de Paiter com não indígena isso pode ocorrer. Este fenômeno deve ser melhor observado nos vários contextos, mas de forma geral não há alternância de língua na aldeia. Em uma reunião com não indígenas alterna-se a língua para traduzir o discurso, mas depois que termina a idéia.

Podemos dizer que apesar de toda a influência recebida, dos vários contatos sistemáticos com o município de Cacoal e outros municípios, além das atividades que desenvolvemos fora da aldeia e, ainda, a presença maciça dos os meios de comunicação e novas tecnologias nas aldeias Paiter, há poucos empréstimos do português na língua Paiter, e quase nenhuma mudança de código nos vários discursos, então, podemos dizer que a língua continua viva e forte entre os Paiter.

CAPÍTULO – III - A EDUCAÇÃO PAITER E O ENSINO NA ESCOLA DA ALDEIA PAITER – REFLETINDO SOBRE O ENSINO DE LÍNGUAS.

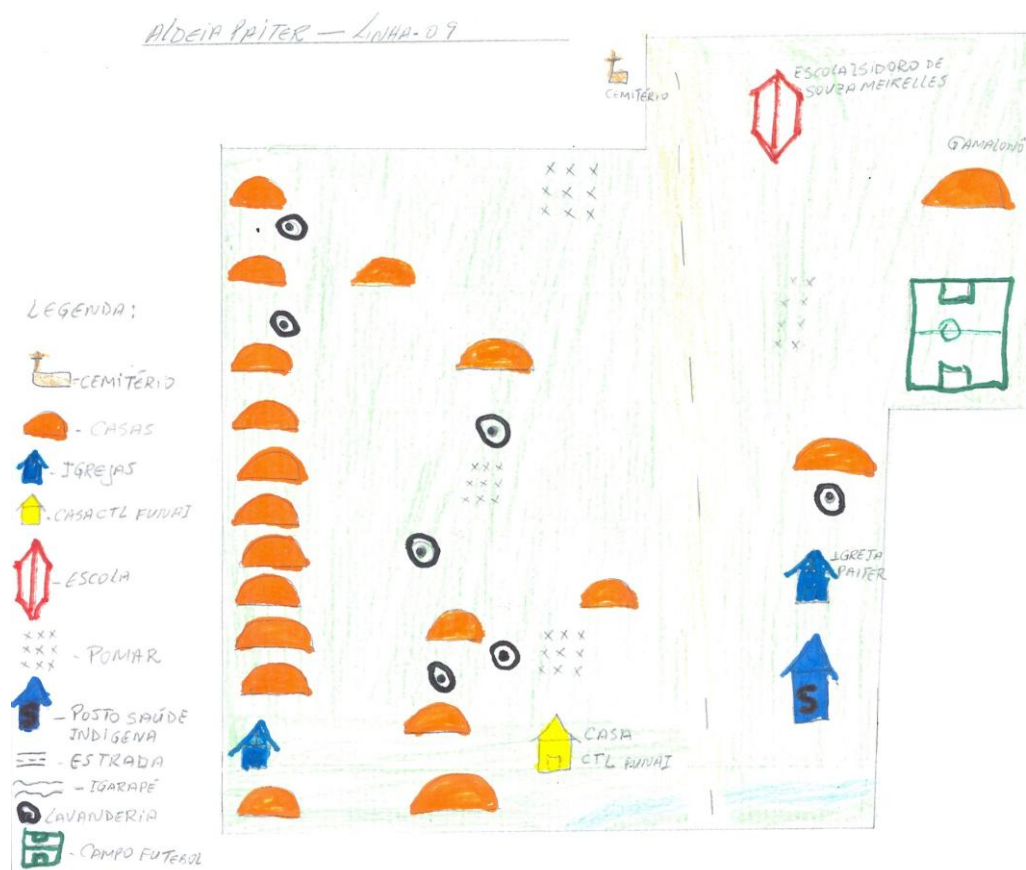
Este capítulo configura-se na análise do nosso estudo. É aqui que vamos colocar porque, onde e como desenvolvemos a nossa pesquisa e depois de analisar o material de pesquisa, colocar as possíveis respostas que encontramos às nossas questões iniciais.

3.1. Contexto da pesquisa

3.1.1 – A Aldeia

Este trabalho foi desenvolvido na escola Isidoro de Souza Meirelles, na comunidade da aldeia Paiter linha 09, onde há conforme o dado da SESAI 22 famílias com uma população total de 114 pessoas sendo que maioria é jovem.

Figura 10. Mapa da aldeia Paiter.



Esta aldeia foi aberta no ano de 1982 por duas famílias, a família Nahega Surui que foi a primeira a chegar e depois Oikaá Surui. O primeiro cacique foi Nahega, depois Dikimatara Surui, Nabdjan Surui, Mopimop Surui, Mopimip Surui e o atual cacique é Mopimop Surui.

Há pelo menos cinco sabedores indígenas que contribuem com a escola e com as pessoas da aldeia com os seus conhecimentos, quando são solicitados, são pelo menos três mulheres e dois homens que conhecem as plantas medicinais; estas mesmas pessoas são conhecedoras das pinturas corporais, histórias e músicas antigas e confecção de artesanato. Algumas pessoas mais jovens se interessam em aprender, principalmente com relação ao artesanato. Também no sentido de estimular este conhecimento a Coordenação Regional de Educação – CRE, da Secretaria Estadual de Educação e a Fundação Nacional do Índio – FUNAI, regional de Cacoal, em parceria, desenvolveram oficinas de artesanato na aldeia, esta atividade conseguiu juntar mais jovens para este aprendizado.

A economia da comunidade gira em torno dos salários dos profissionais contratados e dos aposentados, das atividades de agricultura anuais como: café, arroz, feijão, milho, castanha, atividades perenes e tradicionais como bananas, caras, batatas doces, inhames, amendoim e também pratica de caça e pesca.

Os Paiter desta aldeia criam algum gado que são algumas vezes de famílias individuais e outras famílias de forma coletiva. As roças são organizadas em família individuais. Há ainda a produção de artesanato pelas mulheres e confecção de artesanatos masculinos.

3.1.2. A escola Isidoro Meireles

A estrutura da escola Isidoro Meireles até 2008 era uma sala e uma cozinha de madeira coberta com telhas de amianto e funcionava três períodos manhã com 1º e 2º ano e com professor indígena, intermediário 3º ano com professor indígena e tarde 4º ano com professor não indígena.

No ano de 2008 foi construída uma escola de tijolo coberto com telhas de barro com duas salas, uma cozinha, um depósito, dois banheiros e alojamento dos professores não indígenas. O funcionamento do segundo seguimento do ensino fundamental iniciou gradativamente a partir do ano de 2008.



Foto: Gamalonô Suruí, 2013.

Figura 11. Escola Isidoro de Souza Meireles

Nos dias atuais nesta escola funciona do 1º ao 9º ano. Os turnos de funcionamento são o período da manhã, tarde e noite. Pela manhã funciona do primeiro ao quinto ano, a tarde sexto ao nono e a noite o ensino médio que teve início no ano de 2014. Até o quinto ano as aulas são ministradas pelos professores indígenas e a partir do 6º ano em diante as aulas são ministradas pelos professores não-indígenas, sendo que um professor indígena ministra as aulas de duas disciplinas que é língua materna e identidade étnica histórica no segundo seguimento do ensino fundamental.

Na escola tem 47 alunos assim dividido por série.

Tabela 2. Dados dos alunos da escola Isidoro Meireles.

ORD	SERIE	ALUNOS	Nº	
01	1ª, 2ª e 3ª	1º	07	Garixama Surui
		2º	04	
		3º	04	
02	4º e 5º	4º	03	Ailton Surui
		5º	05	
03	6º ao 9º	6º -	02	Gamalonô Surui - disciplinas língua materna e identidade étnica e histórica Mopidaor Suruí – matemática Professores não indígenas – demais disciplinas.
		7º -	07	
		8º -	02	
		9º -	04	
04	Ensino Médio	1º ano	05	Gamalonô – Língua materna Demais disciplinas – professores não-indígenas.
		2º ano	04	

As aulas de 1^a ao 3^o e 4^o ao 5^o ano são ministrados pelos professores indígenas em regime multisseriado, os professores atuam em todas as disciplinas com uma carga horária de 4h/a por dia. A língua de instrução na escola até o quinto ano é a língua Paiter, ou seja, na educação escolar do povo Paiter é com a língua materna que se explica as disciplina de língua portuguesa, matemática, ciências, geografia e outras. A leitura de textos dos livros didáticos enviados pelo **Ministério da Educação - MEC** é na língua portuguesa, mas a explicação se faz na língua materna. Na hora da explicação dependendo do assunto que estamos falando utilizamos muitos empréstimos da língua portuguesa. Consideramos que a escola é um local onde utilizamos muito a língua portuguesa, talvez pela necessidade que a própria escola impõe, pelos assuntos, ou por falta de material específico na língua Paiter.

A língua de alfabetização é Paiter porque as crianças falam esta língua como primeira língua, a língua portuguesa é inserida aos poucos na escola de forma oral e depois escrita.

A partir do sexto ano o ensino é dividido por disciplina com carga horária específica. As disciplinas de língua materna e língua portuguesa tem uma carga horária de 120h/a por ano, já a Identidade Étnica Histórica tem uma carga horária de 80 h/a anuais. A língua de instrução dos professores indígenas que atuam nestas áreas é a Paiter, já os outros professores não indígenas tem todo o seu trabalho desenvolvido em língua portuguesa. Então é a partir do sexto ano que a língua portuguesa tem mais espaço ainda na escola.

A partir do ano de 2014 iniciou o ensino médio que é ministrado, na sua maioria, por professores não indígenas conforme verificamos na tabela 2, apenas a língua materna é ministrada pelo professor indígena com uma carga horária de 120h/a por ano.

Os professores não indígenas trabalham em forma de rodízio – sistema itinerante, cada professor fica uma temporada em cada aldeia até cumprir a carga horária anual da disciplina e depois é substituído pelo professor de outra disciplina.

As equipes de supervisão desta escola estão lotadas na coordenação de educação escolar indígena SEDUC, onde esta equipe faz visita em cada bimestre para avaliar o trabalho dos professores, esta equipe divide-se de seguinte maneira, uma para séries iniciais de 1^o ao 5^o anos e outro para 6^o ao 1^o ano do ensino médio.

Atualmente esta escola possui o Conselho de Educação Escolar Indígena que substitui a APP e que cada um tem a sua função social e administrativa na sua escola, onde as diretorias são formadas com os seguintes membros: presidente e vice, secretário e tesoureiro, sendo que o próprio professor indígena é presidente, vice- presidente, secretario são indígenas

e o tesoureiro é funcionário da SEDUC. O conselho é composto pela escola Isidoro de Souza Meires, João Evangelista, Sodiga, Gaxip, conforme a determinação do regimento de criação deste conselho.

Na manutenção desta escola os membros da comunidade são participativos nas limpezas, nas reuniões e nos assuntos educacionais, como também as mães contribuem a função de merendeira voluntariamente. Às vezes os pais dos alunos fazem uma visita no trabalho de todos os professores, também esta escola convoca os conselhos de classes uma vez por bimestre e conselho de professores cinco vezes ao ano que é convocado pela Coordenadora da Educação Escolar Indígena.

Os sabedores da aldeia Paiter ajudam os professores indígenas no trabalho escolar onde for necessário, principalmente nas dificuldades de pronúncia de sons de palavras que estão sendo substituídas pelo português principalmente pelos jovens. As diferenças entre a fala dos jovens e dos velhos também se acentuam e os sabedores ajudam a refletir sobre estas mudanças, também contribuem contando mitos e outras histórias.

Apesar de todas as dificuldades que esta aldeia enfrenta e o povo de uma forma geral o Povo Surui ainda tem a sua língua viva, a língua é usada frequentemente na aldeia.

3.2. Como procedemos para desenvolvermos a pesquisa

Este estudo foi motivado em um primeiro momento, pela minha trajetória na universidade escolhendo a área Ciências da Linguagem Intercultural, ao escolher esta área os meus olhares ficaram mais atentos as questões relacionadas ao uso da língua na comunidade e ao ensino das línguas portuguesa e materna na escola. Também comecei perceber que mesmo sendo a língua Paiter muito utilizada no cotidiano da aldeia, havia muitos empréstimos entre os jovens, motivados pelo contato com as cidades, com os meios de comunicação e poderia ter outros motivos. Neste contexto de pressão lingüística e cultural que o povo Paiter vem sofrendo, a escola pode e deve desempenhar um papel importante no fortalecimento da cultura e da língua Paiter, mas eu não tinha certeza se a escola desempenhava este papel.

Então resolvi, no meu estudo, analisar se o ensino da língua materna na escola Isidoro de Sousa Meirelles fortalece o uso da língua Paiter nos contextos sociais da comunidade. A minha maior motivação, então, foi a de contribuir com o meu trabalho como professor da área de linguagem para o fortalecimento da língua e da cultura Paiter.

Para chegar a este resultado em primeiro lugar delimitei os seguintes objetivos: verificar como estava a situação de uso da língua Paiter na aldeia, conhecer mais profundamente a realidade do trabalho dos professores indígenas e não indígenas que atuam na escola com relação ao ensino e ao fortalecimento da língua materna, entrevistar os professores, alunos e sabedores indígenas e, depois, de posse dos dados analisar se o ensino da língua materna na escola contribui para o seu fortalecimento na comunidade.

Para desenvolver esta pesquisa escolhemos alguns procedimentos metodológicos: entrevistas com os professores, análise documental (livros didáticos de linguagem, caderno dos alunos, planejamento dos professores), entrevistas com os alunos. Entretanto ao iniciar o trabalho de campo achamos importante conversar com os mais velhos e perguntar a eles como era a educação antes do contato com a sociedade não – indígena porque precisava ter uma referencia de concepção de educação tradicional e também o que os mais velhos pensavam sobre a escola.

Então minha pesquisa de campo baseou-se em entrevista com os mais velhos, observações em sala de aula, análise documental – caderno dos alunos, caderno de planejamento dos professores, entrevistas com os professores da área de linguagem, entrevista com os alunos. Para as entrevistas com os mais velhos e com os professores utilizamos, as técnicas de transcrição, textualização e transcrição, técnicas baseadas na História Oral. A história oral é uma metodologia de pesquisa que consiste em realizar entrevistas gravadas com pessoas que podem testemunhar sobre acontecimentos, conjunturas, instituições, modos de vida e outros aspectos da história contemporânea (FGV, CEPDOC, 2015). Utilizei as técnicas baseadas na transcrição, textualização e transcrição (Meihsy, 2005), com algumas diferenças as quais passo a relatar.

Primeiro fui até as duas pessoas mais velhas um é o cacique de minha aldeia Mopimop Surui e uma segunda entrevistada Inceri Surui, do sexo feminino, pois considerei importante ouvir um homem e uma mulher, para valorizar a fala e o conhecimento pela percepção de uma mulher.

Primeiro fui até a casa deles e conversei sobre minha pesquisa com Mopimop e solicitei colaboração. Eles aceitaram. Então marquei com o primeiro entrevistado um dia que ele pudesse me conceder a entrevista, como não fui no dia marcado ele mesmo me procurou e perguntou quando iria fazer a entrevista. Então logo em seguida organizei um dia para ir.

Expliquei a ele que queria que ele falasse sobre como era a educação Paiter antes do contato com o não – indígena. Ele contou sobre a educação Paiter e para mim foi

muito bom porque aprendi muitas coisas que não conhecia, eu gostei da fala dele. Ele falou, também, sobre a educação Paiter hoje, fez comparações e falou sobre a importância do ensino da língua materna. A entrevista foi bem rápida mais ou menos 15 minutos, mas teve muitas informações importantes.

A entrevista com Inceri Surui foi em outro dia, fiz o mesmo procedimento solicitei a entrevista, conversamos informalmente em sua casa e depois ela sugeriu que a entrevista fosse realizada na escola onde havia menos barulho. A entrevista gravada durou aproximadamente 10 minutos, ela falou sobre a educação Paiter e também como os Paiter conheceram a primeira escrita não – indígena. Estas duas entrevistas contribuíram bastante com meu trabalho e para o estabelecimento de relações entre a educação Paiter antes e hoje.

Foram, também, entrevistados dois professores; um deles é indígena que atua na alfabetização e o segundo é o professor de língua portuguesa que atua no sexto ano. O procedimento da entrevista foi o mesmo, primeiro falei com eles sobre o meu trabalho e depois marquei a entrevista. O tema da entrevista foi sobre o trabalho que eles desenvolviam na área de línguas, metodologia e material utilizado no ensino, sobre o planejamento de aula multisseriada e interdisciplinar.

Transcrevi as entrevistas que foram realizadas na língua materna e a medida que ia traduzindo, já fiz a transcrição, já a entrevista em português, transcrevi e depois realizei a textualização e a transcrição.

A minha experiência como professor de língua materna desenvolvi em forma de relato. Quando fui fazendo o relato do meu trabalho, fui refletindo sobre ele e ao mesmo tempo entrei em um processo de auto-avaliação sobre o meu planejamento, sobre as atividades que desenvolvo percebi pontos positivos e negativos.

Fizemos uma entrevista com um aluno do nono ano, esta entrevista foi feita para verificar como ele concebia o ensino de língua materna e sua percepção sobre a escola indígena, sobre a importância de ensino de língua materna e se ele gosta de estudar na escola indígena e por quê. A entrevista dele também foi toda na língua materna.

A análise documental consistiu em analisar o caderno dos alunos, o planejamento dos professores e os livros didáticos da área de língua portuguesa. Primeiro selecionei um caderno de cada série, livro didático e planejamento do professor e escaneei tentando estabelecer uma sequência, ou seja, cruzar a atividade do aluno com o planejamento do professor. Nem sempre isso foi possível.

De posse dos dados comecei a análise que foi realizada a partir das orientações recebidas.

A partir da análise fomos percebendo que faltava dados, por exemplo: exemplo de prática de escrita na aldeia, a entrevista com os alunos. Estas foram ações realizadas já a partir da análise.

Os dados coletados possibilitaram uma boa análise do trabalho desenvolvido na escola.

Enfim para trazer toda esta pesquisa para a escrita em forma de um trabalho científico foi muito difícil. Primeiro para estruturar a sequência do trabalho, a falta de encontros sistemáticos com a orientadora dificultou bastante porque não sabia muito bem para onde ir, mas isso, aos poucos, foi sendo superado, também senti muita dificuldade em transferir meu pensamento para um texto escrito em uma língua que não é a minha língua materna. Muitas vezes eu fui dizendo para minha orientadora colocar em forma de escrita, outras eu escrevia e ela ajudava a melhorar a compreensão do texto.

Assim desenvolvi o meu trabalho.

3.3- Os dados da Pesquisa e a análise

3.3.1. A educação Paiter – a fala dos mais velhos

Nesta seção refletirei sobre a educação Paiter antigamente e como a educação Paiter está nos dias atuais. Para isso utilizamos a entrevista tendo como orientação a técnica utilizada pela história oral, ou seja, a transcrição, textualização e transcrição, o texto na língua Paiter optamos para deixar como na transcrição. Segue a entrevista com cacique Rafael Mopimop Surui, realizada no dia 25 de maio de 2014, na aldeia Paiter, linha nove, município de Cacoal.

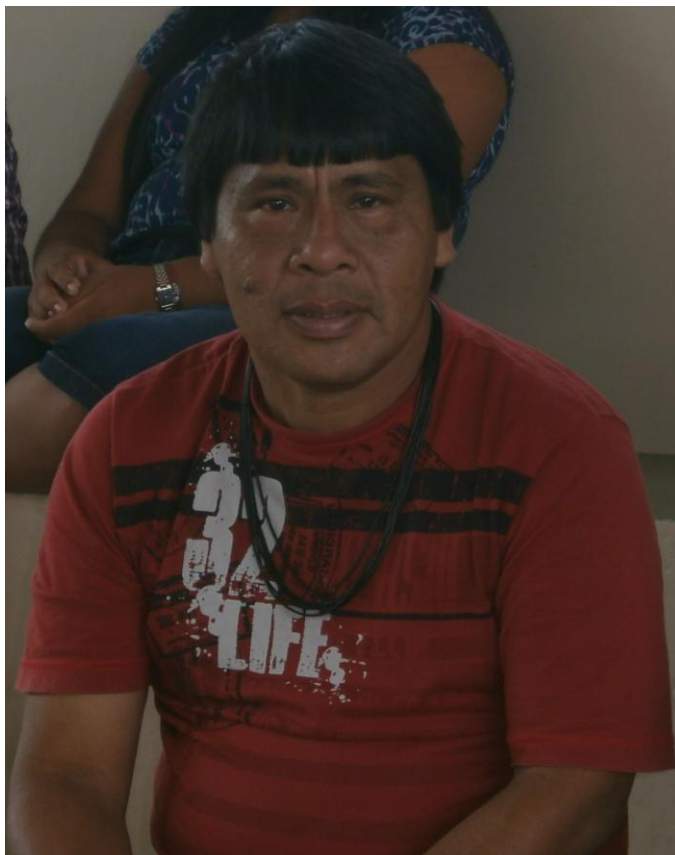


Imagem 13: Rafael Mopimop Suruí. De Gamalono Surui.

Língua Paiter

Mater pajena yair tehr pagobah we ka e, ebo enekûn materet ey peredena sonã panãgey jena ehnã payah paminãh yele same ka mageter, panãgey jena pamakoba enã e, pamamõey jena e, one jakadena emãh om ner paloka enãni e, enekûn âkarbami palade eeytxa om eka paladena eenã omine inã ih om enãni eka nan, ewe detena e, iwe same pit detena sonã mater enã e, ewe tetaypoh mageter eeh eya garba iway nyã yã, eeh garba iway eiyã yeletar palodena ehbo amaxot ga palomakobah ena e.

Palomatoh ajeka mageter e pi ximaxotga makoba ena e, ehbo oyapoh yakadena e, eteh ohy jena sonã ohy atoh enã e, yap aga weka, ga mãga weka, gakora weka, enã paloya aka makoy yã yeleka, eyap emi teh walet dena amakap alet emakobah xiperedena, nitih magawe ka, i magawe ka, mamuk ikinapah weka, ohy itxa weka, ih wekar eka, enã palo akawarom ohy kã yã, ximalotawap itxa gûya ter ã, ewe ka teh ehla walet nã aniporeh akawarom elade oy ka eka anipore walet dena e, enã pajeor enã pagobah e enã paor enã e ewe alair pejenã e ewe same itxa pjenã kobab ne, enã bo soesani poh, pawemakih paje ewamanê akoy e, enã boh soe sa aneh ogay anipoh, ewe abopi boh la kobar om ne ani poh kobab ne anipoh pajena sonã e, yele itxa pajeor enã e. enekûn matorop esadena yareom ani e kanan, ano âkarba mi palomatoh we om sodinga om de arih esadena kobar ani, ohne soename itxa

ener ani e, ohne soenamá maguy itxa ener ani e enã teh mater paite peredena e esame peremiteh.

Ehbo ã gûna pajena yara amiih pajeka enã yara we same ikin, lat ewe same ikin, ehbo ã gûna taje apin eey jena ano iwesame ikin e maõh aor ena e, mai jara we kanê, yara ikin alade ewemi ena e. Eyap eka botteh anõ pabiter palagah esadeor enã one boh paminã yara lat, pajine enã ani e. Ehbo escola ka paladeh pagõbah eka nan e ka ã karba mĩ, yara mã escola ka paladeh pagoba emagûnãni, yara sadeor pagoe nãom manã pagay yakadeh pagoe piom eyap emĩ teh pama xikoe piom ewe nekooy pladena kikoe ka ter pagobah waba owetar txireh ikaya yelenã, õhbe paladenã lat enaom ne sodĩgah ka ani e, paba pawekoe piwa, waba okawarom mã masoe same ka, eyap emi teh yaba akawarom Omã soa eka ogoe pi alademi, awekoe pi om ner alader ewe mi Paiter sadena akawar awekay ani e.

Enekûner paladekenã lereg itxa yara kalap koy ekanan, õhne lat naom ner paladeka ximasoe itxa we some osibok ehra ogoka ononã kabimare. Pagware na om ikay.

Eyap emiteh yakadena ãkoyaor aldeia koy aor enã ani e, akawar enã om paykin, awetin ga weyxo m,ĩ ximalota aor, ohne ximalot ewara, ohne xiweitxa ewara enateh paladekena ikalap koy paga enã ani e ewepabi escola sadena ãkarbamĩ ewe ka pamatoh, gûya paladeh pawe same ikin Paiter pajê ewemi pagawarom pawekay ewe, ewe detena e.

Pagoes sadena ãkarbami ena yara koe ka Palade pagobah etiga teh enani e, eteh paladena õne pahpa ener pagõe pi enãni e, eyoh palop dena pagay e ena e, eyap e nekooy mamuk Sade yara we same ka aor aĩh xikoe nã eka paladena ohne ãitxa xilam mûy emaã ener ani e.

Paen deh lat eka palop de epi paladena pahpa om ner, e eh pamagarba iway esadena pagoe esadeor merenã Palade pawekoe eboyapoh e nan na pãgena pagoes matxe pajekena ani, ohne palpdena xamepit ener iweka ena ani e, ohne paledekena yara na Ted na pagah, yara koe mã pajekena e enã ani e, one paladena yara Ted na pagah pajeka enã soe mãtxe бага eka ena ani e.

Anõh documento sadeh xamepit yara kabi ena pagoe denae, pamakatab ewe dena paen Sade guya pamalat eytxa ewe dena, eeh botai pó palah de pagay ewe detena e. Eyap enekoy pagoe dena matxe om ner paloh sadena e apin de palop de maga pagabi e detena e, éter sadeor ena werep aor soe same Sade yõ eka paladeh pagobah, õhne pajena Paiter pagoe matxe pajeka e não ani e edetena e enã ã.

Versão para o português

Antigamente nós, Paiter, já tinha a nossa própria educação, ensinava as crianças de nosso jeito de educar, em primeiro lugar os pais sempre ensinavam os filhos a história dos Paiter e o grau de parentesco na classificação de clãs: Gamep, Gapgir, Kaban, Makor. Hoje não temos essa educação por isso os jovens de hoje não sabe a qual clã pertence, porque o grau de parentesco Paiter é muito complicado, a partir do entendimento do

clã os jovens antigamente identificavam o seu grau de parentesco e autoridade, assim aprendia a respeitar. Depois dessa etapa, os homens eram responsáveis por ensinar os filhos a fazerem os artesanatos, caçar, fazer roça. Também aprendiam as regras de tratar a moça comprometida, regra de casamento, para que seu filho fosse responsável na construção da família. As mulheres ensinavam as filhas a confeccionarem artesanato feminino, fazer chicha, regra de receber o jovem comprometido, regra de casamento, cuidar do filho e do esposo, para que os filhos pudessem viver independente dos pais. Aquela pessoa que ouvia os ensinamentos dos pais tinham todos aqueles conhecimentos e o que não ouvia não tinha nenhum conhecimentos, podemos comparar como as pessoas que são estudadas porque passaram pela escola e as não estudadas porque não frequentaram a escola e não receberam os ensinamentos.

Logo após do contato com a sociedade envolvente, ainda o povo Paiter tinha a sua cultura e percebia que as culturas eram diferentes, assim como conhecimentos. Hoje as gerações não têm mais essa percepção, não percebem a diferença e os valores de cada uma. Estão se misturando ou deixando a sua cultura de lado, assumindo a outra cultura diferente da sua que é da sociedade não indígena sem ter conhecimento profundo, dos costumes e tradições do outro povo.

Hoje o povo Paiter tem as escolas dentro das suas aldeias, devido a intenção do homem branco de socializar os índio Paiter, mas o povo Paiter deve tomar cuidado com a escola pois ela é maior arma contra índio se ele não compreender como ela deve funcionar dentro da aldeia. Através dela aprendemos escrever e ler, coisa que nos Paiter não sabíamos, mas não só porque nós Paiter sabe ler e escrever, falar na língua portuguesa, usar roupa não deixa de ser índio, mas precisamos da escola hoje por necessidades e somos obrigados a aprender os conhecimentos não indígenas. Por meio da escola nós compreendermos melhor, dialogamos, respeitamos e defendermos os nossos direitos através do nosso estudo e a escola hoje serve também para divulgar o nosso conhecimento.

Hoje a nossa língua materna mudou muito, antes do nosso contato com o homem branco a única falada era Paiter, mas hoje não, devido à mudança da educação Paiter e a redução de números de adultos a língua materna mudou também, os jovens falam mais a língua gíria (língua coloquial), por isso os professores indígenas devem pesquisar a língua materna para levar esse conhecimento dentro da escola, como hoje nós Paiter falamos duas línguas não desvalorizamos nenhuma delas, assim os alunos indígena aprendem falar língua portuguesa com os professores não indígenas na escola e com os professores indígena aprendam a falar e escrever na língua materna. A língua dos Paiter é uma identidade do seu povo, por isso não podemos deixar de lado precisamos levar as duas juntas ao mesmo tempo, pois a nossa língua dá sentido para nós. A escola indígena serve para divulgar os conhecimentos e ensinar a escrita nas duas línguas ao mesmo tempo sem ter preconceito das culturas e dos costumes diferentes.

Entrevista 2.



Imagem 12. Inceri Suruí, tecendo rede. De gamalonô Suruí.

Entrevista realizada no mês de setembro de 2014, com a senhora Inceri Surui, sexo feminino, idade 60 anos.

Anã lat meredina aweytxa sonã mater ma e, palotisoa peredinã palomakobah, palotisoa, mebe sin emagabe ka, amapit akobah sonã e, wah aje mebe sin emagabe ka makobah epi kobar yakadeka, anemagah esibok eweta xagõa ka, mebe sin esibok eweta xagõa ka, palo mamo peredinã e, palomamõ perede apaboar palode sobak aka emi palo iya simar sona e, yaba kobane sobak aka, apopip aka yaba gobame wawa yelenã sonã, xiperedenã sonã, ehbo palotisoa peredenã amapit akobah, palomamõ peredenã sonã e, eteh walet meredenã amakap alet emakobah sonã e, nitih ah magawe ka, ihn makar eka, nitih magawe ka, magãr agawe ka, enã paloya oy itxa yã, dena makobah amakap alet akobah ximamoyaperedena e, xiti peredena, one Paiter alawar anatin akobah.

Eteh oypûg akobah xitisoa yena poa, ximamõ yena poa, kobar yakadeka, ahnã paloya magayãh, pabetangi enã ahnã enã makobah, wah yakade kobar iwe ixo om eneka, anemahga esiboketa xagõa ka seer, seer, yã ladina e, enateh palomamõ mã ikay, enã walet itxa ikay, enã ga maga wa ikay, aperewe en eka ikay, sobak aka yabah xiyã simar, palotisoa, palomamõ, yenam neneh paloka enani e, palosop esade ikã nyã esade enateh ani e, merewa weka, mekir ateh meka, sohr mosin aihn xikoxara ka, ahna enã, aen ematoh asop dewe piter palodena palomatoh enã e.

Ahnã palaima dine sodihge ka e, one lat dine anopabi enã sodihge mawe ih ener aen eytxa , aen a soe same itxa deor enã aneh yara ka e, pawentiga in aor enã e, ehbo Bio ey jena aor pawentiga we depi enã e, eyap deor enã ehbo oylût ey ka, Paiterey ka sodihge bo soe inaih yele maki akoe

tihg e ãteh enã e, peykoe tige ãte mã mamuk ey ka enã e, oylût ka, ehbo mamuk dena sodihge bo soe ina ih, oylût ey tet dena iwe ka e, eteh ikãy jena yabekar ter iwe ka, ehbo dena ikãy piihga enã e, meykobah te bo meyxaor, meyewarãmah bo mexaor meykoe tihge ateh ogay dena ikãy ey ka enã e, ehte ikãy jena kobar ter sodihg apahiweka ka enã e.

Ehte oylût ey txet dena gobanewah akobah enã, ajir ter akobah, ehbo oylût ey jenã, sodihg e bo soe inã ih, tajena ikãyey epi enã e, ehbo mamuk esadena, toyen deor toyasoe same itxa tojeor gobawe same enã iwe itxa om akarbami enã ani e, ehte paladena pahpa бага pama soe pi om ner ani e, ewe nekoy bo pala sodigah itxa akarba mi anipoh keladena iwe same ikin ge ani e.

Versão em português

Antigamente, o povo Paiter vivia assim, desta maneira: o tio materno ensinava o sobrinho, assim como também vovô, ensinavam no processo de trança de pêlo de Porcão, quando o menino não conseguia aprender, pegava uma trança feita e passava no corpo do aprendiz, este costume era para que o menino fosse sabido igual a ele. Também o tio e o avô eram responsáveis de dar sorte para o rapaz que matou pela primeira vez a caça. Na educação só os tios e avôs eram responsáveis de repassar todos os conhecimentos masculinos, assim como era também a tia e avós era responsáveis de repassar os conhecimentos femininos para sobrinhas e netas, nas confecções de tipos de cestas, redes e colares. Também ensinavam nos relacionamentos familiares, regras de casamentos, respeitos a esposa e o futuro esposo. Estes conselhos não eram transmitidos para qualquer pessoa que não era parente próximo, pois a educação era sagrada e valorosa para nós.

Esta era a educação Paiter antigamente, mas hoje mudou muito pelo jeito que eu vejo, mas os pais, avos e tios podem até passar essa educação para os filhos, mas também eu vejo que hoje os rapazes não têm mais interesse nesta educação, estão partindo para a educação não indígena. E isso, este era o nosso conhecimento Paiter que trouxemos e praticamos até o nosso momento de contato com não índio.

Assim, conhecemos a educação do não índio, antes nós índio não conhecíamos a educação da sociedade não indígena. Depois de contato, poucos anos depois, chegou um casal missionário chamava “BIO e CAROLINA” com objetivo de ensinar os jovens na escrita da língua portuguesa. Daí que os jovens perceberam que não indígena tinha essa forma de educação “através da escrita”, assim que compreenderam a escrita, começaram dar início escrever na língua Paiter, chamaram também os velhos para falar na língua para que eles escrevessem enquanto falava. Então, a partir disso, os jovens gostaram de escrever até hoje e nós, velhos, ficamos com os nossos próprios conhecimentos.

Refletindo sobre as entrevistas...

É possível levantar, no decorrer das entrevistas, as quais a partir daqui nomearei E1 e E2 quatro pontos principais, a educação tradicional e as formas de ensinar, as mudanças ocorridas após o contato, a escola e a língua materna. Os dois entrevistados falam sobre a educação Paiter de antes do contato. Na E1 ele vai dizer que o povo Paiter já tinha sua própria educação, ele reconhece o jeito de ensinar Paiter como uma educação de verdade e compara com a educação escolar hoje

Aquela pessoa que ouvia os ensinamentos dos pais tinham todos aqueles conhecimentos e o que não ouvia não tinha nenhum conhecimentos, podemos comparar como as pessoas que são estudadas porque passaram pela escola e as não estudadas porque não frequentaram a escola e não receberam os ensinamentos.

A sabedora da aldeia Paiter linha 09, durante a sua entrevista destaca as regras de como educava os filhos, quem educava e todos os processos de transmissão dos conhecimentos do seu povo. Disse que nos ensinamentos Paiter os homens e as mulheres tinham papéis diferentes, era dividido em dois conhecimentos masculino e feminino: "Antigamente, o povo Paiter vivia assim, desta maneira: o tio materno ensinava o sobrinho, assim como também vovô ensinava no processo de trança de pêlo de Porcão".

Nas duas entrevistas vão aparecer os processos de ensinar e os responsáveis pela educação. Na E2 destaca que este processo tinha regras rígidas, a educação era transmitida obedecendo às regras de parentesco. Outro fato importante é que o pai e mãe experiente podiam ensinar os filhos através dos conhecimentos que possui, na segunda entrevista podemos destacar a importância da experiência de quem ensina "às vezes o pai experiente ensinava o filho também, no vômito de chicha". Isso mostra que o processo de ensinar é muito sério e a experiência era importante.

Diz ainda a respeito da mudança de educação tradicional para a educação escolar que pela percepção dela os jovens não têm interesse da educação Paiter que os mesmos estão partindo para educação da sociedade envolvente.

[...] Esta era a educação Paiter antigamente, mas hoje mudou muito pelo jeito que eu vejo, mas os pais, avos e tios podem até passar essa educação para os filhos, mas também eu vejo que hoje os rapazes não têm mais interesse nesta educação, estão partindo para a educação não indígena. E isso, este era o nosso conhecimento Paiter que trouxemos e praticamos até o nosso momento de contato com não índio.

Depois de falar sobre a educação tradicional e a inserção da educação escolar na aldeia, ela fala a respeito de como os Paiter começaram a frequentar a escola. Coloca a escrita como uma marca da educação escolar do não indígena. [...] *com objetivo de ensinar os jovens na escrita da língua portuguesa, daí que os jovens perceberam que não indígena tinha essa forma de educação 'através da escrita, assim que compreenderam a escrita e começaram dar início escrever na língua Paiter'*.

Já o Cacique Rafael coloca a escola como uma marca do contato. E vai discorrer sobre a educação colocando os pontos negativos e positivos da escola.

Hoje o povo Paiter tem as escolas dentro das suas aldeias, devido a intenção do homem branco de socializar os índio Paiter, mas o povo Paiter deve tomar cuidado com a escola pois ela é maior arma contra índio se ele não compreender como ela deve funcionar dentro da aldeia.

Entretanto, em um outro momento, vai dizer que temos a possibilidade de um maior diálogo com o mundo não-indígena e possibilita a defesa de nosso direitos e ainda que a escola pode ser um canal de divulgação dos conhecimentos indígenas.

Estas contradições encontradas na fala do cacique Rafael configura a realidade das relações interculturais onde estão postos os vários conhecimentos. A noção de interculturalidade que ele parece assumir e que também assumimos neste trabalho é aquela que expressa o fortalecimento da identidade cultural, mas também estimula a aquisição do conhecimento de outras culturas (SILVA, 2013, apud , FELURI , 2013).

O outro ponto levantado pelo cacique Rafael é sobre a importância da língua Paiter, é que a língua Paiter era única falada por eles antes do contato que hoje mudou muito devido a mudança da educação Paiter como também na redução de números de adultos, diz ele que isso leva os jovem a falar a língua gíria e para evitar isso os professores indígenas devem pesquisar a sua língua materna antes de levar esse conhecimento para sala de aula, ainda ele afirma que nenhuma língua pode ser desvalorizadas porque a língua é uma identidade do povo que dá sentido a ele, com a relação a escola também ele diz que a escola deve divulgar o conhecimento tanto na escrita que precisa ensinar os alunos sem preconceito de nenhuma das culturas.

A língua dos Paiter é uma identidade do seu povo, por isso não podemos deixar de lado precisamos levar as duas juntas ao mesmo tempo, pois a nossa língua dá sentido para nós. A escola indígena serve para divulgar os

conhecimentos e ensinar a escrita nas duas línguas ao mesmo tempo sem ter preconceito das culturas e dos costumes diferentes.

As duas entrevistas contribuem para pensar o papel da escola na aldeia como um espaço de interculturalidade de compreender a vivência entre as culturas diferentes, costumes e religião, valorizar e manter a sua própria cultura.

3.3.2 - Observação das aulas, entrevista e análise documental

Em um primeiro momento observei a aula de língua portuguesa do 6º ao 9º ano do ensino fundamental da escola Isidoro de Souza Meirelles que foi a primeira coleta de dado da pesquisa, depois a segunda observação feita nos series iniciais do 1º, 2º e 3º anos durante três dias, na verdade esta coleta de análise é para verificar qual é a realidade do processo de trabalho do professor da alfabetização, assim como também a verificação dos trabalhos dos professores de língua materna do 6º ao 9º anos. A observação de aula de língua portuguesa foi feita durante quatros dias, onde foi coletada a verificação do planejamento de aula, como o professor desenvolvia o trabalho nas turma multisseriadas, como os conteúdos eram aplicado, também os cadernos dos alunos foram verificados se realmente estão de acordo com o planejamento de aula do professor.

Partindo da primeira verificação segundo passos de coleta foram às entrevistas com a professora de língua portuguesa como trabalha com os seus alunos em turmas multisseriadas e como planeja as aulas para essas turmas

Finalizando a observações e entrevistas, transcrevi todas as falas dos entrevistados e das observações de aulas, recolhi os cadernos dos alunos, planejamento do professor de língua portuguesa e da língua materna e a gravação das entrevistas ficaram como registro da pesquisa.

3.3.2.1. Professor do primeiro seguimento do Ensino Fundamental

Aula professor do Ensino Fundamental (AULA DO GARIXAMÁ)

No dia 03 de abril de 2014, observei a aula do professor Garixamá.

O professor Garixamã atua na escola Isidoro Meireles há 20 anos, trabalhando com alfabetização. Como formação cursou o magistério indígena - Projeto Açaí, e hoje cesta terminando o curso de Licenciatura em Educação Básica intercultural, na área de Educação Escolar Intercultural no Ensino Fundamental e Gestão Escolar



Imagem 14: Professor Garixamã Suruí. Foto Gamalonô Suruí, 2014.

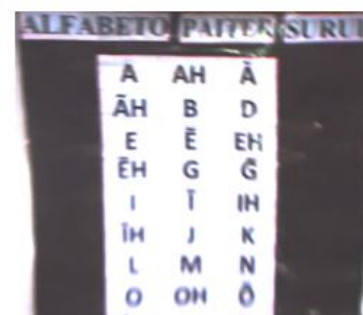
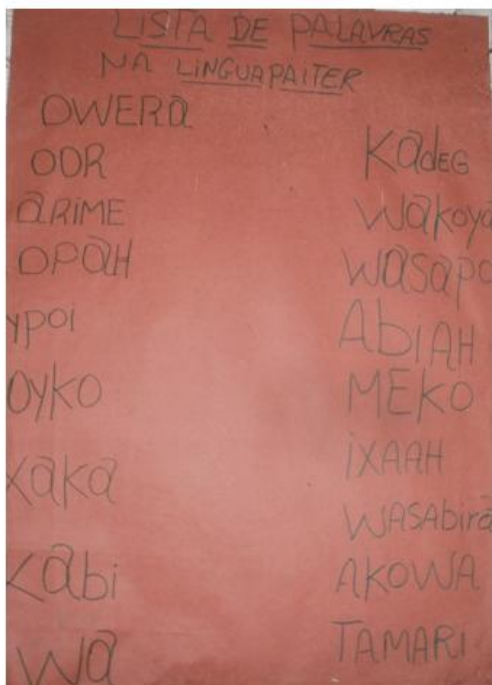
Ele trabalha numa sala multisseriada com 1º, 2º e 3º ano do ensino fundamental. Ele divide a sala em fileiras por ano e trabalha com atividades diferentes para cada ano.



Imagem 15: Sala do Professor Garixamã Suruí. Fotos Gamalonô Suruí, 2014

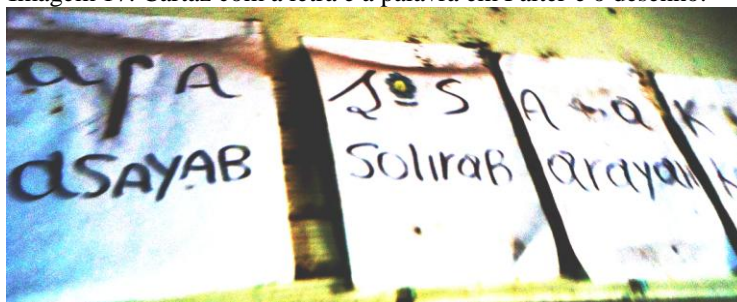
Na sala tem espalhados na parede o alfabeto onde é selecionado com os fonemas da língua Paiter, cartazes com nomes de objetos na língua Paiter, tem os números.

Imagem 16- Atividades em cartazes da sala de aula do professor Garixamá.



Cartaz com a letra e a palavra em Paiter e o desenho.

Imagem 17. Cartaz com a letra e a palavra em Paiter e o desenho.



Com o primeiro ano ele trabalhou intensamente com a oralidade, dando nome aos objetos que as crianças conhecem, aos numerais, nomes dos animais, mostrando os desenhos para as crianças falarem os nomes, tudo na língua Paiter. Depois entregou um papel e lápis de cor e solicitou que as crianças desenhassem o que queriam.

O professor solicitou uma tarefa para casa, que consistia em uma pesquisa, a criança teria de levar para casa e pedir informações aos pais sobre os animais selvagens, como ele é, o que ele come, onde ele vive etc. Observei que o professor produz seu próprio material didático. Quando ele mostra desenhos para cada criança, são desenhos que ele mesmo faz. Os recursos utilizados para produzir os materiais são: pincéis, cartolinas, lápis de cores, lápis, borrachas, tesouras e colas. Através desses recursos o Garixamá produz os seus próprios materiais para trabalhar

Com os seus alunos do 2º e 3º anos ele trabalha com a escrita e leitura de palavras, pequena frases e textos, as palavras ele trabalha na língua materna, segundo o professor quando seus alunos chegam no quarto ano todos tem capacidade de ler e escrever na língua materna.

Todos os alunos do professor Garixamá falam na sala de aula sem parar e ainda perguntam a sua curiosidade de qualquer coisa que passa pela cabeça. Exemplo:

Sodihg? Bote eya wayã ewa mayã? Bote eya lat ikin gara koy mayã?

Professor? Você já comeu macuco? Você já viu cabeça seca no mato?

O professor quando é surpreendido por perguntas desta natureza, pára a aula e responde ao aluno, mais ainda, conta alguma historia relacionada a curiosidade do aluno, neste caso e ele parou , juntou todos os alunos de todos os anos e contou a historia da cabeça

seca, ensinando as regras para os alunos, neste caso explica que é por isso que não podem andar sozinho, por causa da cabeça seca que é um índio ruim (espírito) que mata gente.

Neste dia ainda o professor Garixamá, pediu aos alunos para formarem as palavras na língua materna através das letras recortadas desembaralhadas na mesa, acontece que alguns alunos fazem o trabalho bem rápido e outros são bem lentos para formar palavras. O professor espera todos terminarem, as crianças que terminam antes, saem, vão pra casa, ou ficam fora da sala. As crianças tem bastante liberdade para sair da sala.

O professor trabalha quatro horas por dia, totalizando 20h, ele tem uma carga horária de mais 20h semanais, para o planejamento.

Percebi que as crianças gostam muito da aula, alguns alunos dizem que ele é bem brincalhão, conta bastante história. No entanto não parece ser prática do professor o registro do planejamento.

Ao analisar o caderno dos alunos percebi que o professor trabalha só com a língua materna com a turma do 1º ano do ensino fundamental.

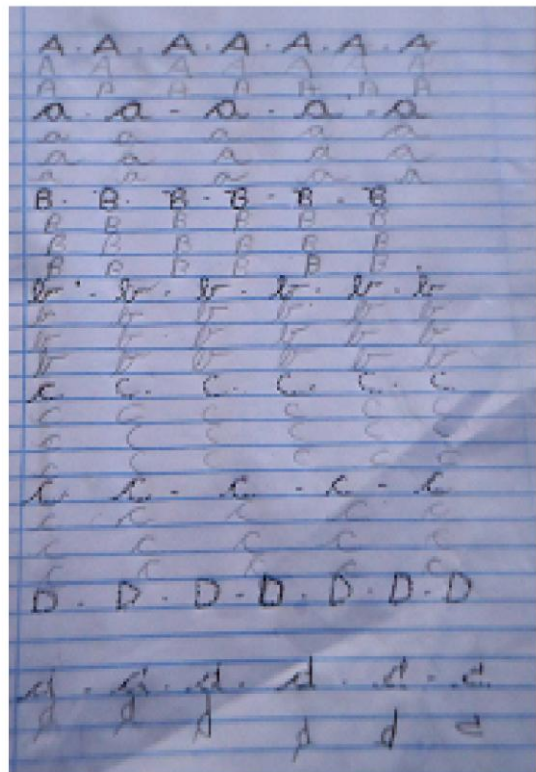


Imagem 18. Atividades dos alunos do 1º ano do ensino fundamental.

No caso desta atividade o aluno em questão ainda não escreve, mas o professor pede para desenhar animais e plantas que ele conhece. A atividade seguinte são letras soltas,

para que o aluno repita. Ao ser questionado sobre a atividade o professor disse que estas atividades são para que o aluno aprenda a pegar no lápis e escrever. O professor trabalha bastante com atividade espontâneas.

Para turma do 2º ano do ensino fundamental, uma das atividades observadas é o desenho livre, depois ele pede para escrever o nome do desenho e também pequena frase. Sempre na língua materna. Pela minha verificação analisando o caderno dos alunos percebi que as atividades do caderno do 1º e 2º ano não seguem a sequência das cartilhas, isso significa que o professor encontrou outras maneiras de ensinar, seja na sua formação ou pela sua própria prática, levando em consideração que o professor trabalha com alfabetização há 20 anos.

Atividades dos alunos do 2º ano

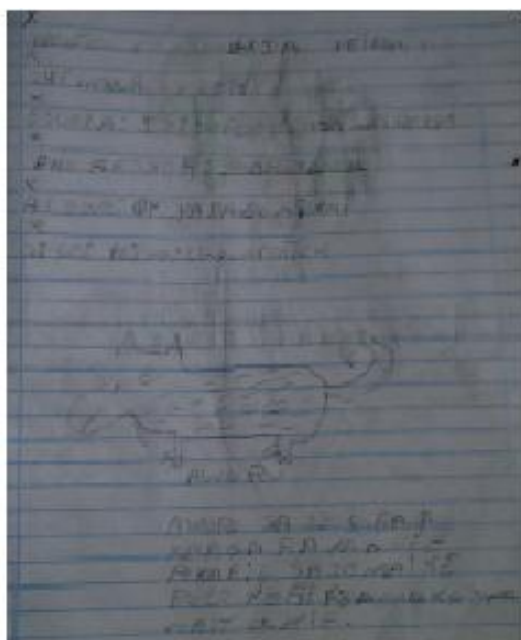


Imagem 19. Atividades do 2º ano do ensino fundamental.

No segundo ano os alunos já lêem um pouco. O professor continua dando textos espontâneos, como podemos verificar em ambas atividades o aluno desenha e escreve um texto. Este tipo de atividades é utilizada quase que diariamente pelo que observamos. Também percebi que as atividades não são corrigidas, aparece muito a maneira de como o aluno escreveu. Com relação as correções no caderno ele disse que não corrige para não desestimular os alunos. Ele apresenta textos escritos por ele no quadro e faz leitura com os alunos, pode ser que aos poucos os alunos vão percebendo a forma correta de escrever. Os textos que ele propõe sempre está relacionado com a vida dos alunos, o trabalho na roça,

brincadeiras na aldeia, por exemplo: contar o que aconteceu quando o aluno ajudava o pai na roça e ilustrar.

Uma outra atividade observada é um ditado de palavras variadas, nomes de animais, arvores, lugares que o professor ditou, depois corrigiu as palavras no quadro.

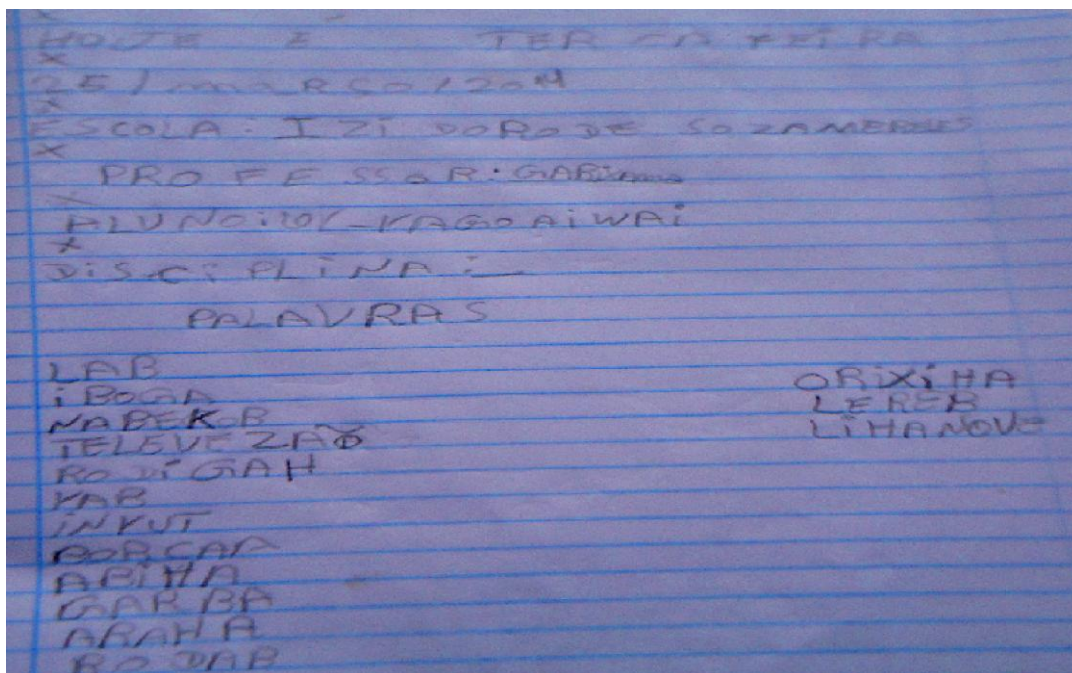


Imagem 20. Ditado de palavras, 2º ano do ensino fundamental.

Este jeito que o professor encontra para desenvolver seu trabalho mostra que ele rompe com a idéia mecanicista de ensino da língua escrita, bem evidenciada nos livros de alfabetização proposta pelos missionários. Sobre o assunto Neves (2009, p. 01)

Esta etapa inicial da educação formal deve ser organizada de maneira que os estudantes possam experimentar atividades significativas de leitura e a escrita com estreita relação com as práticas sociais de modo que seu ponto de partida seja a língua que efetivamente existe, com especial ênfase a oralidade, bem como, através dos diversos portadores de textos.

Já no terceiro 3º ano do ensino fundamental encontrei no caderno uma produção de pequeno texto na língua materna também sem tradução para língua portuguesa e no dia seguinte uma atividade sem enunciado frases na língua materna e com suas traduções na língua portuguesa. Para registrar esta análise coloco os fotos por ordem das séries:

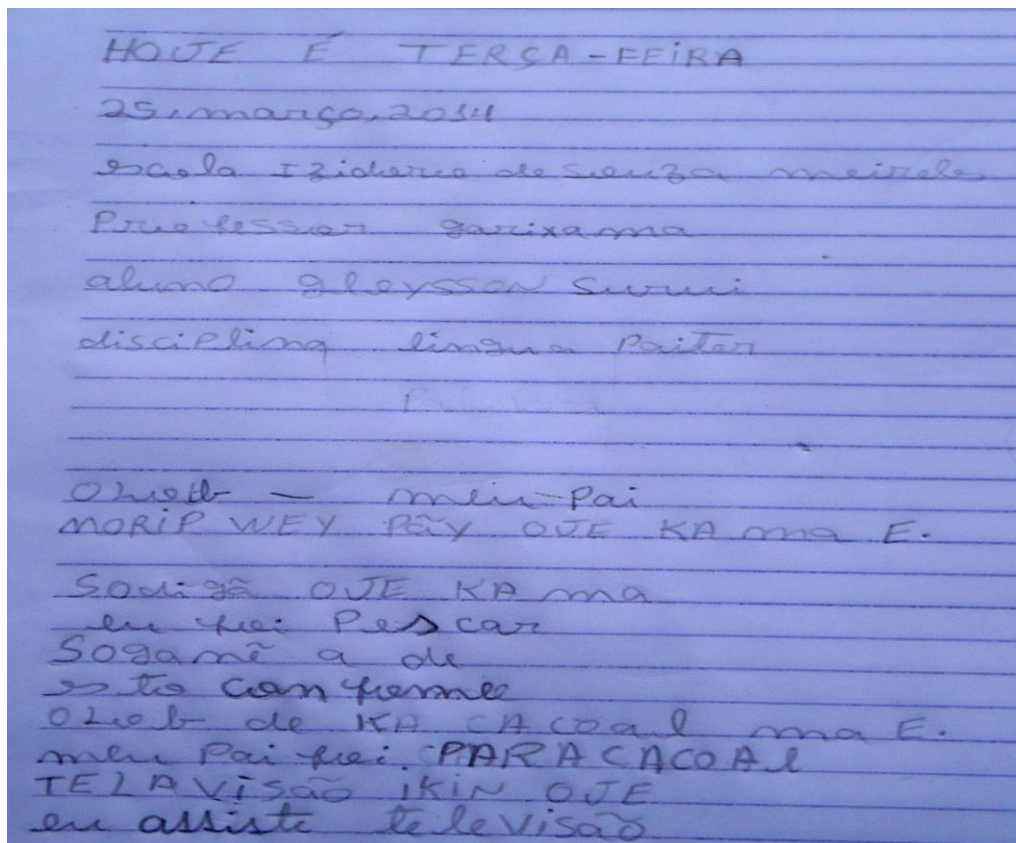


Imagem 21. Atividade do 2º ano do ensino fundamental.

O professor planejou a aula sobre produção de texto na língua materna sem tradução de língua portuguesa, já no outro dia faz produção de frases na língua materna com tradução de língua portuguesa. Nestas duas observações percebo que está sem enunciado, talvez o professor orientou oralmente a atividade. Também falta correção do professor nas duas línguas. Segundo professor diz que não fez correção porque no estágio dele o professor que orientava, disse pra ele que não é correto corrigir o que os alunos produzem ou fazem por si mesmo. Já no momento anterior com os alunos menores ele disse que era para não desestimular os alunos.

O professor não possui materiais didáticos específicos na língua materna para trabalhar, esta é uma dificuldade no trabalho, ele mesmo produz seu próprio material da língua materna, segundo ele.

Como professor não apresenta nenhum caderno de planejamento, o que observamos não é suficiente para ter uma visão mais geral do seu trabalho. Fica uma dúvida: será que ele tem uma forma de ensinar os alunos com uma certa seqüência e que possibilita a aprendizagem?

Passamos a entrevista com o professor destas turmas para tentar compreender melhor a dinâmica de seu trabalho.

Entrevista -. Professor indígena do ensino fundamental (Garixamá)

Ãhna lade omasodigah ka omasodihgey a kobah ani e, sodigah koy tajeor ogabi eka, mageter gûya takodah maga, taxiribop alahp aga kadera tar, eyap ey je gûya akodateh eka kanateh mey agah lade tamawewã eenã palo sinã aweitxa ani ã takay, ena garba same sinãyãh, ladina takay enã ani e.

Ehte ladina one palosinã amakap ga akapwar anih tamatoh ani e, enã palosinã akapwar alade awekay eka ani yãh, takay ani e.

Ehbo ladena enã oje takay eweitxa, yepala sodiga yã takay enã ani e, eeteh ewe ka peyakobah yã enã ani e, eeteh magetr 1ª serie ey ka soe ixo maga takabi quadro ka, ebo eeh ixo maga oinãyã ladena takay enã ani e, enã ixet sinã yãh, eebo tasena iwepih ogay enã ani e, eteh oen ah iwepiom ikay ih yap esadenã amamerakar ogay enã ani e, soe ixo maga lade ka ladena ixet yagût e aar aga ani e, awekane tasih yap enã ladena ani e, soixo maga, pinta wate we maki takay, tamawewã iter ladena tapixiga tamakobah ani e.

Ehbo 2ª serie ey ka ladena tapakop ananga sodige maki, le we maki sodig gotang aat ga, anã sodig esinã awemanga ani yãh ani e, 3ª serie ey sodig gorup ka le ewe maki pagoe nã eeteh yakoe kar tasade nan yeminã ogay eka ebo ewe tinã poh takay, ajûrawa tajeka peyka wa takay, ehbo ã maga eka eybi koy ya bagater takay, enateh agota ahte peya maga ih aobaga tajeka takay enã ani e. bo eenã ladena tamakobah enã omasogigey enã ani e. eteh tasadena 4º serie alaba akobah português ekoe ka ani e. bo ehnã.

Tradução

Eu trabalho na minha escola ensinando os meus alunos das seguintes maneiras: quando os meus alunos chegam para a escola, primeira coisa que faço organiza-se eles para cada lugares em fileiras, depois cumprimentam a eles, conversa com eles sobre a vida cotidiana do ser humano, como trabalho e estudo, para que eles entendam a sua convivência na escola com os colegas, evitando brigas entre eles, depois disso, eu falo sobre o conteúdo da aula que vai ser aplicado para cada turma.

Primeiro eu trabalho com a turma de 1ª série, faço alguns desenhos no quadro e explicando os nomes de todos os desenhos, eles gostam muito de desenhar, portanto deixo eles desenharem a vontade pintando e colocando letras iniciais dos desenhos, aquele que fica em dúvida ou qualquer pergunta tenha muito diálogo comigo durante a aula, o meu trabalho de ensino com a primeira série é mais na oralidade e orienta as atenção deles na brincadeiras.

Para a turma de 2ª series trabalho mais a leitura, formação de palavras de nomes de objetos, frutas e animais na língua materna e para 3ª series, também faço muito leitura de pequena frase na língua materna e eu pergunta a eles também se tem dúvida na escrita, muito pouco na 3º series pratica a leitura na língua portuguesa. E a partir da 4ª series os alunos já frequentam o ensino de língua portuguesa.

Considerações sobre os dados relativos ao 1º a 3º ano do ensino fundamental

Na perspectiva do ensino da língua materna e da valorização cultural percebi que há uma preocupação de contextualizar a realidade das crianças e estimular o aprendizado por meio de pesquisa e aprofundamento dos assuntos sugeridos pelos alunos.

Uma outra coisa é que mesmo o professor não tendo o registro do planejamento, parece seguir uma sequência de conteúdos, pois alunos aprendem e avançam na leitura da língua materna. Podemos dizer, também, que o trabalho dele é bom porque só trabalha na língua materna com isso os alunos saem do terceiro, para o quarto ano com o bom resultado, saem lendo e escrevendo na língua Paiter. Observei que usa metodologias variadas o que parece motivar os alunos. Nas aulas ele fala sempre na língua Paiter, valorizando a oralidade e os conteúdos culturais. Valoriza, também, a participação dos alunos, parece que todo momento é momento de aprender alguma coisa. Não se prende nos conteúdos escolares.

Mesmo que em alguns momentos o professor trabalha com atividades mecanicistas, na maioria ele parece compreender e valorizar o nível de aprendizagem do aluno. E como os alunos tem liberdade para perguntar e falar podemos dizer que o professor estimula a curiosidade e a aprendizagem dos alunos.

3.3.2.2 -Refletindo sobre minhas aulas – professor Gamalono Surui

Sou Gamalono Surui atuo como professor desde 2013, hoje estou terminando o curso de Licenciatura em Educação Básica Intercultural na área de Linguagem Intercultural, pela Universidade federal de Rondônia.



Imagem 22. Professor Gamalonó Suruí. Fotos Gamalonó Suruí.

Na escola Isidoro de Souza Meirelles, eu trabalho as disciplinas de língua materna e identidade étnica histórica para a turma de 6º ao 9º ano do ensino fundamental, o trabalho acontece de forma multisseriada devido ao número de aluno ser baixo e por falta de salas também. Faço um planejamento para cada série, trabalho os conteúdos também de forma interdisciplinar, principalmente no momento de aprendizagem do texto, outras vezes trabalho individualmente por serie.

Dentro do ensino de língua materna meu trabalho tem como objetivo que os alunos percebam a língua como um produto cultural que é por meio dela que se comunica e tem acesso a informação. Com tudo isso, trabalho com as classes gramaticais do Paiter Suruí, produção de textos, tradução para segunda língua e fonologia, penso que tenho valorizado a língua Paiter e também esta forma de trabalhar facilita a aprendizagem dos alunos através do qual descobrimos cada vez mais as classes gramaticais existente na língua materna Paiter Suruí.

Dentro do trabalho da identidade étnica histórica, estudamos história de mitologia Paiter, história de fatos reais, músicas, tipologia de pintura corporal, etc. Nesta etapa também trabalho a transcrição de conto Paiter, interpretação de texto para segunda

língua e ilustrações de texto, isto ajuda muito na compreensão dos alunos. Na escola Isidoro de Souza Meirelles a comunidade da aldeia Paiter linha 09, promove o projeto de confecção de artesanato para que os alunos pratiquem e busquem o conhecimento concreto dentro da escola com duração de uma semana, então em cada dia do evento realiza duas aulas praticas diferentes por sabedores, cada disciplina contém 80 horas de carga horárias por ano, sendo que 20 horas em todos os bimestres do ano letivo.

Para conseguir trabalhar, dentro da expectativa dos pais, antes de ir pra sala de aula o conteúdo deve ser pesquisado com os mais velhos da aldeia, às vezes chamo os velhos também para sala, onde vai contar o mito do Paiter para os alunos transcreverem, neste caso acontece uma aula de interdisciplinar e com todas as turmas, nestes casos durante a leitura de tradução usamos língua portuguesa e tanto também na língua materna.

Análise documental de ensino de língua materna Paiter:

Reunimos dois dias em 2013, todos os professores de línguas na CRE/SEDUC de Cacoal para discutir quais conteúdos são necessários para trabalhar em sala de aula, mas ainda não ficou pronto, tentamos nos reunir depois mas não conseguimos. A coordenação da CRE sempre nos cobra para retomar esta discussão. Também na Universidade em uma das disciplinas fizemos uma proposta solicitada pelo professor, mas que ficou sem terminar por falta de tempo. Então eu não tenho esta discussão de currículo terminada para eu seguir, mas alguns conteúdos que selecionamos naquele momento eu utilizo nas minhas aulas. E também escolho os conteúdos pela minha experiência dos outros anos, conteúdos que trabalhei e que foram importantes.

Para planejar minhas aulas, então, primeiro eu escolho o conteúdo que acho importante ensinar. Hoje avalio que a experiência acumulada como professor, as orientações no meu trabalho, a minha formação na universidade e a reflexão que estou fazendo neste trabalho me fizeram amadurecer mais sobre o ensino de língua na escola e por isso estou trabalhando de uma forma diferente. Eu tento trabalhar de forma interdisciplinar, por exemplo: mito da menstruação, histórias do povo, historia da aldeia. Estou tentando fazer um trabalho interdisciplinar língua indígena e identidade étnica e histórica.

'Quando eu comecei trabalhar com língua materna eu separava as duas disciplinas. A gente trabalha com gramática, porque os alunos pedem, porque na aula de

língua portuguesa eles não sabem e estudando na língua materna fica mais fácil, por exemplo eles descobriram que na língua Paiter não tem artigo nesta comparação.

Antes eu acreditava que o ensino de língua era o ensino de gramática, mas no decorrer do meu trabalho eu percebi que o ensino de gramática da língua é uma parte do que eu tenho que ensinar.

Observe o planejamento de aula do ano de 2014.

Planejamento

1-CONTEÚDO: Alfabeto Paiter

OBJETIVO: Reconhecer o Alfabeto Paiter, Identificar o som de cada letra na língua Paiter.

ESTRATÉGIAS: Conversa com os alunos sobre o conteúdo da aula, leitura coletiva de alfabeto, observação de sons de todas as letras e a diferença de alfabeto Paiter e Língua Portuguesa, formação de palavras a partir das mesmas.

AVALIAÇÃO: Através da participação individual, comportamento, graus de conhecimentos e ortografia.

2-CONTEÚDO: Sílabas

OBJETIVOS: Compreender sílabas na Língua Paiter, formar palavras, observar o som nasal, prolongadas na língua Paiter.

ESTRATEGIA: Escrever lista de sílabas no quadro, leitura coletivas para identificar os sons de nasalidades, prolongamento e oral, explicação e ditado das sílabas.

AVALIAÇÃO: Pela compreensão de alunos, identificação de nasalidade, prolongamento e ortografias corretas.

3- CONTEÚDO: Produção de palavras

OBJETIVOS: Capacitar os alunos a produzirem as palavras identificando os sons, prolongamentos e nasalidades sozinhos, Conhecer habilidades dos alunos na produção das palavras.

ESTRATEGIAS: Apresentação do conteúdo explicando objetivos, Atividades de produção de palavras com os nomes de objetos, animais e frutas, correção de atividades no quadro.

AVALIAÇÃO: Desempenho de alunos, capacidade de produção, ortografia individual e leitura.

4- CONTEÚDO: Produção de frases

OBJETIVOS: Levar habilidades dos alunos na produção de frases na língua materna, Ser criativas nas produções, Avançar a leitura dos alunos.

ESTRATEGIAS: Primeiramente conversa com os alunos sobre o conteúdo e a sua importância, Atividade de produção de frases, leituras, correção ortográficas.

AVALIAÇÃO: Desempenho dos alunos, Leituras individuais e Ortografias corretas.

5- CONTEUDOS: Revisão dos conteúdos

OBJETIVOS: Analisar os conhecimentos dos alunos, Planejar as aulas a partir das dificuldades dos alunos.

ESTRATEGIAS: Aplicação dos conteúdos anteriores através das atividades, Leituras, Observações dos conhecimentos dos alunos durante os desenvolvimentos de trabalhos.

AVALIAÇÃO: Através do grau de conhecimentos individuais dos alunos e a ortografias.

6- CONTEUDO: Produção de texto

OBJETIVO: Buscar capacidades dos alunos a produzirem o texto na língua materna, Interpretar o texto na língua Portuguesa.

ESTRATEGIA: Conversa com os alunos para produzir o texto na língua materna mais ou menos seis linhas com o tema livre e depois traduzir para língua Portuguesa.

AVALIAÇÃO: Pelos desenvolvimentos dos alunos, escolha do tema e pela tradução para língua portuguesa.

7- CONTEUDOS: Pronomes na língua materna

OBJETIVOS: Reconhecer e Fortalecer os conhecimentos aos tipos de pronomes na língua materna e língua portuguesa.

ESTRATEGIA: Apresentação do conteúdo aos alunos no quadro, explicação do conceito, atividades, tradução dos pronomes pessoais para língua portuguesa.

AVALIAÇÃO: Pela compreensão de pronomes na língua materna, desenvolvimento de atividades e o comportamento.

Na minha análise o meu planeamento tinha uma sequência lógica porque primeiro eu ensinava o alfabeto, palavras, frases e texto, era assim eu achava certo, foi assim que eu aprendi a língua. Cada plano corresponde a um dia, eu não coloco a data porque e faço antecipado e não sei o dia que vou dar esta aula, avalio hoje que o que eu ensino em um dia não da para aprofundar. Depois no meu planeamento tinha , também , alguns assuntos mais voltados para realidade dos alunos, por exemplo:

CONTEUDO:

- Tecnologia tradicional e não tradicional
- Transcriar o texto mítico “Galop ah”
- Levantamento de numero familiar da aldeia
- Verbos
- Produção de mapa da Aldeia Paiter
- Produção de texto na língua materna

Percebo que há no decorrer do planeamento uma preocupação maior com questões sociais e culturais e a escrita de textos.

O que observo que mudei é no aprofundamento dos conteúdos, compreendi que o conteúdo deve estar ligado a um objetivo e a avaliação. Então se um aluno não aprendeu ainda um conteúdo que planejei, tenho que continuar trabalhando até ele aprender.

Cadernos dos alunos

Analizamos quatro registros de aula de 6º ano do ensino fundamental, percebi que dentre este relatamos que falta aprofundamento deste conteúdo para fortalecer os conhecimentos e compreensão dos alunos dentro do ensino de um determinado conteúdo, parece que foi só o conceito do conteúdo. Abaixo duas produções de texto em dias diferentes.

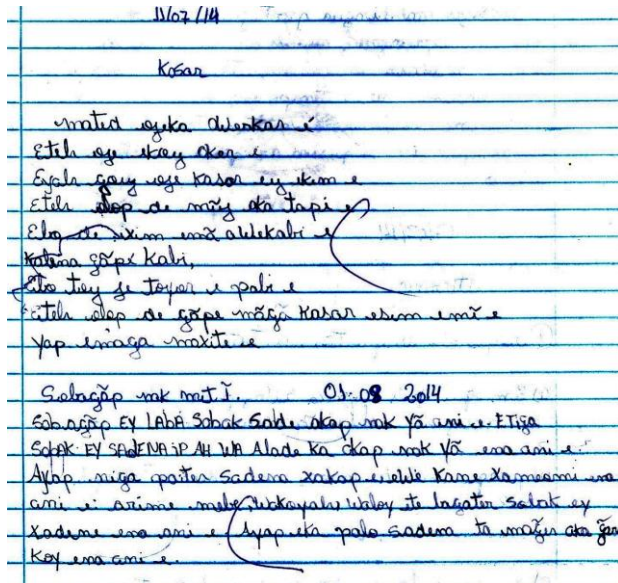


Imagem 23. Atividade 1 dos alunos de sexto ano.

Também percebi que todos enunciados das atividades foram escritos na língua portuguesa. Eu nunca tinha parado para pensar o porquê prefiro colocar o enunciado das atividades na língua portuguesa, mas ao refletir penso que tem duas coisas que levam a isso. Pensar que os alunos não entendem bem a escrita da língua Paiter, ou por opção do professor mesmo, por costume. Hoje já estou fazendo diferente porque observei que esta atitude, ou seja, o professor de língua colocar os enunciados das atividades em língua materna é uma forma de valorizar a língua Paiter. Observei que os alunos, depois que comecei solicitar as atividades em língua materna, tem menos dúvidas

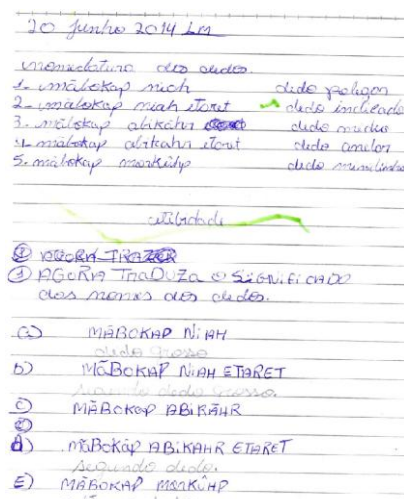
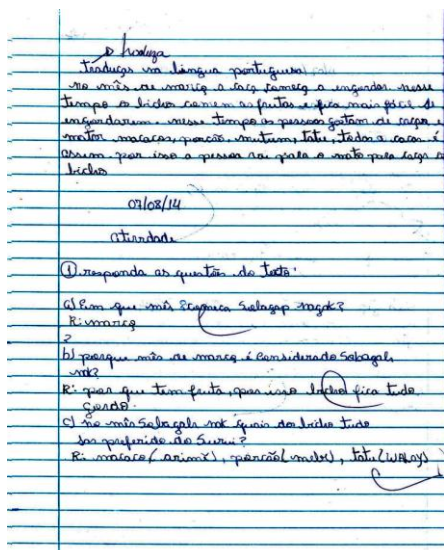


Imagem 24. Atividade 2 dos alunos de sexto ano.

Uma outra coisa que observei a partir dos dados referentes as minhas aulas é que tudo que vou explicar para os alunos na oralidade eu prefiro falar na língua Paiter, então a língua Paiter é a língua de instrução na escola. Entretanto, observando os cadernos dos alunos vejo que para explicar os conceitos na escrita, prefiro a língua portuguesa, mas não tinha me dado conta disso. Acho que é preciso pensar mais sobre isso, porque escolho a língua Paiter para explicar oralmente e escolho a língua portuguesa para explicar na escrita? Será que acho, inconscientemente, que a escrita é um espaço mais da língua portuguesa do que da língua Paiter?

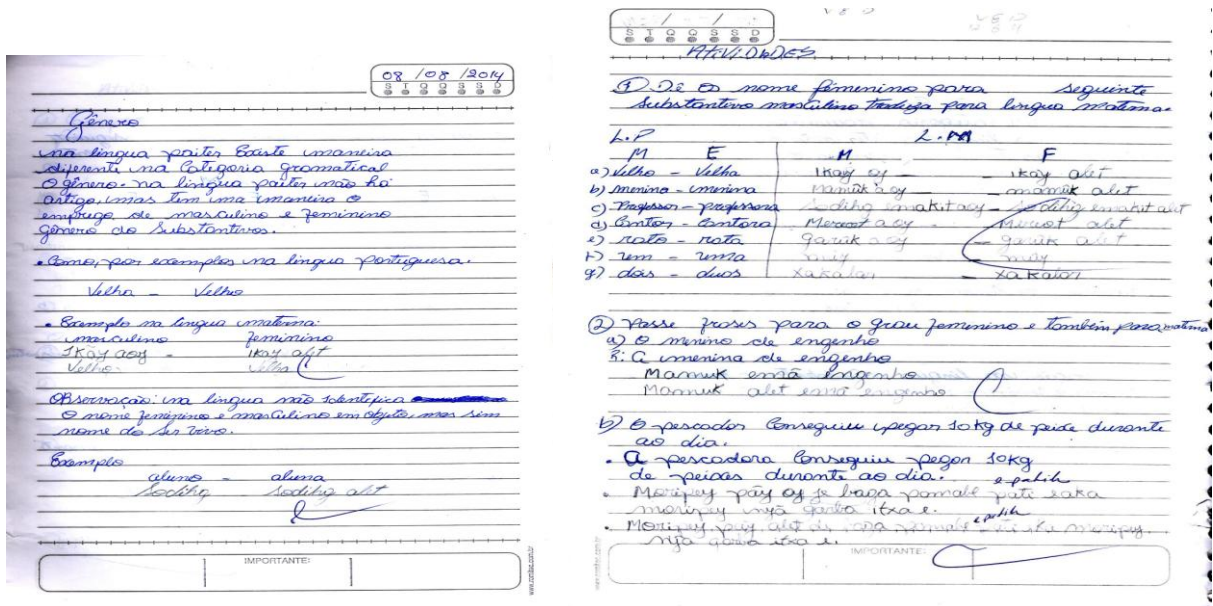


Imagem 25. Atividade 3 dos alunos de sexto ano.

Eu trabalho também comparando as duas línguas, traduzindo textos de língua portuguesa para a língua Paiter.

Com relação ao material didático que utilizo são cartazes, que são expostos na sala e alguns livros produzidos na língua Paiter que utilizo como leitura e depois dou atividades. As vezes escolho textos do livro para trabalhar na sala de aula.



Imagem 26. Cartaz em sala.

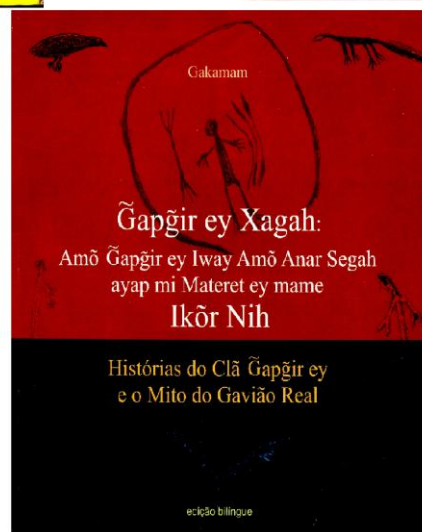
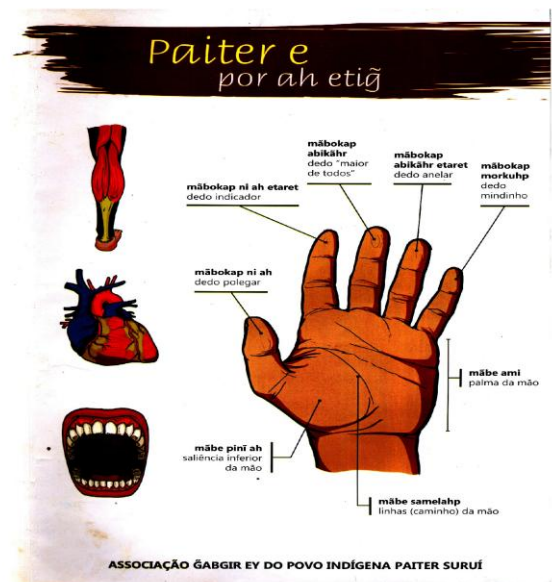


Imagem 27. Cartaz em sala.

Estes materiais são utilizados pelos professores de língua materna, contagem de números de um á dez, tempo da floresta (conta épocas que estão relacionadas aos meses dos quatros estações do ano), Paiter koe tig (nomes dos membros do corpo humano), gapgir ey xagah (historia do clã Gapgir do povo Paiter), além desses materiais pesquisamos mais sobre os conteúdos a serem levado a sala de aula, este materiais são revisados também com os idosos da aldeia, então, particularmente conto a presença dos idosos como materiais didáticos, pois contribui muito no meu trabalho escolar.

Refletindo sobre minha pratica...

Penso que foi muito importante fazer esta reflexão. Algumas coisas importantes que eu percebi com este trabalho que venho desenvolvendo é que não tinha um bom rendimento às aprendizagens dos alunos, principalmente porque o plano de aula que fazia tinha conteúdo para um dia, esta forma de planejar não aprofundava o conhecimentos dos alunos. Uma outra coisa que percebi é que a minha opção pelos enunciados dos exercícios na língua portuguesa não valorizava a língua Paiter. Então, ao longo do meu trabalho resolvi mudar o método e alunos que tinham muito dificuldades de compreender os enunciados quando está na língua portuguesa e quando este está não língua materna não faz perguntas pois não tem dificuldade de entender.

Eu nunca tinha parado para olhar e refletir sobre minha prática, esta pesquisa me fez parar para pensar e avaliar o meu trabalho os pontos positivos e pontos negativos, percebo que como diz Paulo Freire (1996) é só a reflexão critica sobre a prática que me leva a novas práticas

3.3.2.3 Observação das aulas, entrevista e analise documental – professor do segundo seguimento do Ensino Fundamental

05/05/2014

Observei a aula de língua portuguesa do 6º e 7º anos da professora não indígena no dia 05 de maio de 2014. Observei a aula de língua portuguesa do 6º ano.

A professora entrou na sala de aula e cumprimentou os alunos, logo em seguida ela apresentou o conteúdo para a turma, escreveu os conceitos no quadro de todas os sinais de pontuação para que os alunos fizessem leitura coletiva e falar o seu entendimento do que foi lido, mas alunos não falavam. Então um aluno levantou e falou do seu entendimento das pontuações, neste momento percebi que os alunos tinham vergonha de falar porque surgem dúvidas de entender a língua portuguesa. A professora retoma a explicação de novo e pergunta a eles se entenderam, quando disseram que sim, ela passa exercícios para eles fazerem colocando as pontuações nas frases. A correção dos exercícios foi realizada no quadro.

Na turma do 7º ano ela trabalhou o mesmo conteúdo, ou seja, sinais de pontuação, mas na produção texto, pediu para colocar as pontuações onde fosse necessário para ele. A aula teve duração de duas horas. Percebo que duas horas de aula em uma sala multisseriada é insuficiente.

Depois de intervalo fui observar as turmas de 8º e 9º ano, onde ela trabalhou com o 8º ano advérbios, enquanto com o 9º ano com linguagem figurada. Percebi que os planejamentos para cada ano são diferente, mesmo que a sala seja são multisseriada.

Durante a minha observação percebi que os alunos são muito tímidos para perguntar suas duvidas à professora, mas entre eles falam muito na língua comentam sobre as atividades que estão fazendo e tiram duvidas entre si.

Entrevista com a professora de linguagem do segundo seguimento do ensino fundamental..

Meu nome é Ianis Gonçalves Pintos, sou professora de língua portuguesa e não tem muito que eu trabalho na escola indígena, vai fazer um ano ainda, no caso, tem dez meses que estou trabalhando. Pretendo continuar, gosto muito de trabalhar na escola indígena, porque os alunos são muitos educados, as pessoas que convivem aqui na aldeia são pessoas muitas educadas e os alunos são disciplinados.

A gente trabalha o conteúdo do livro didático e os alunos, de uma certa maneira, executa todas atividades que a gente passa pra eles, não são alunos indisciplinados são alunos que tem boa disciplinas e a turma que eu trabalho é multisseriada.

Agora estou trabalhando na escola Isidoro, na linha 09, daqui uns dias irei pra outra escola. São aulas em turmas multisseriados, nessas aulas a gente trabalha de acordo com o plano de curso que nos é passado, então desenvolvemos o plano de aula em cima da metodologia própria, de acordo

com a realidade, porque dentro da área indígena nós não podemos trabalhar só com a língua portuguesa, mas o ensino "modalidade indígena", porque a língua deles aqui é predominante, 70% das pessoas falam a língua surui. Às vezes alguns alunos, sem perceber, eu acredito que ele esqueçam que a gente fala só em português, acabam conversando com a gente, na língua deles, quando ele vê, eles voltam e falam português mesmo assim é a língua deles que eles mais utilizam.

Com relação ao meu planejamento, eu procuro relacionar as datas comemorativas que existem no calendário escolar do não índio, em um determinado período anual, caso os conteúdos sejam de acordo, se eles não forem de acordo com a realidade eu tento encaixar. Algumas atividades relacionadas a realidade indígena eu busco e converso muito com eles, acho importante trabalhar muito cultura deles e desenvolver algum tipo de atividade. Inclusive eu desenvolvi um projeto sobre a pintura corporal indígena surui, estou concluindo a minha disciplina agora esse mês. Os alunos acataram o nosso projeto. Fomos até a mata, nós fizemos o processo da pintura com jenipapo, os alunos executaram, fizeram o processo da tinta. Está tudo gravado. Foi muito interessante, os alunos fizeram com todo carinho. Eles não tiveram nem um tipo de empecilho, não se recusassem em fazer. Eles são alunos muito cuidadosos, o que a gente pede, eles entendem.

Mesmo que meus alunos sejam adultos, porque eu trabalho com 6º ao 9º ano e o 1º ano do ensino médio, mesmo assim eles têm dificuldade de me entender, entender a língua portuguesa. Às vezes quando eu falo percebo que eles têm muita dificuldade porque, por mais que a língua portuguesa esteja inserida no contexto deles, eles vivem a língua deles, no dia a dia utiliza só a língua. Então eles estão o tempo todo só falando a língua Paiter. A língua portuguesa é utilizada mais na escola mesmo, pra se comunicar com os professores não indígenas.

Eu tento buscar alguma coisa relacionadas pra que eles não esqueçam, sempre lembrem que a língua, mesmo com a evolução da escola aqui dentro da área indígena, tem que continuar sendo utilizada, assim como a cultura, isso é muito importante. Porque cada pessoa tem a sua cultura, as suas tradições que eles utilizam durante o ano inteiro. Então assim, eles não podem perder isso, porque seria até uma falta de respeito com as pessoas mais velhas, pois acredito que os mais velhos ensinam pra eles a cultura, os costumes, a religião, esperam tudo o que eles viveram, que os filhos, os netos e as outras pessoas vivam isso também.

Com relação as turmas multisseriadas, não é algo fácil de trabalhar, porque tenho que trabalhar com pessoas bilíngües. Eu tenho que estar diversificando, tento trazer produções diferentes, tentei fazer com que os alunos e alunas leiam os textos em português e entendam. Peço pra eles reproduzirem o texto na língua deles. Assim eles desenvolvem a escrita com muita facilidade na língua deles, não tem dificuldade. É muito interessante, mas não é fácil, não é fácil pra mim, porque eu não consigo entender muita a língua deles. Tento entender alguma palavra e associar uma com outras, mas aí quando eu sinto dificuldade no que eles estão conversando eu peço pra eles e então, traduzem na minha língua falando sobre o assunto.

Com relação aos materiais que eu utilizo, o livro didático que nos é passado é um deles, eu procuro diversificar os materiais pra não ficar só aquela coisa à vida inteira só o livro didático, eu procuro outros livros e

algumas atividades que tem a ver com conteúdo em outros livros. Procuo pedir pra que eles possam produzir texto dentro da cultura deles. Procuo trabalhar a cultura deles em si o que acontece na comunidade, no final de semana, no seu dia a dia. Inclusive estou trabalhando as olimpíadas de língua portuguesa com eles agora e os relatos que eles me fizeram foram, na sua maioria, sobre a comunidade deles, eles escreveram textos muitos bons. Eu acredito que tem chance de alguns deles serem até selecionado, porque eles procuraram escrever sobre a memória literária e as crônicas relacionadas aos contextos que eles vivem no dia a dia. Então pedi pra escreverem o que acontece no dia a dia, na memória literária o que aconteceu em algum passado não muito distante que eles lembram. Eles escreveram e foi muito gratificante, eles escreveram com muita satisfação.

Os livros eu utilizo quando eu trabalho com eles. Eu tento trabalhar com cartazes e tento pedir pra ao alunos fazem na língua portuguesa, na língua inglesa e também na Paiter que é língua surui. Então eu trabalho três modalidade junto e no caso seria a bilíngüe.

Com relação aos textos que utilizo, como gosto muito de leitura gosto de trabalhar com textos eu utilizo bastante com os alunos, de acordo com a cultura deles. Por exemplo, para trabalhar o dia do índio eu utilizo, o livro didático que fala sobre o índio, dentro da literatura também eu tenho e alguns livros de literatura para o ensino médio que fala sobre a Iracema índia daquele autor famoso que escreveu sobre o livro da Iracema. Então eu trabalho com os alunos peço pra que eles escrevam alguns relatos sobre os livros que eu passo, eu não peço pra eles lerem o livro inteiro, mas sim as parte que está no livro didático, então vou trabalhando com eles. Como já disse trabalhar de forma bilíngüe é muito interessante porque eles não vão aprender só a língua portuguesa ao mesmo tempo eles vão estar aprendendo a língua inglesa e no contexto social deles eles vão estar vivendo aqui na sala de aula a língua indígena deles.

Eu acredito que assim pra valorizar uma aula eu tenho que trabalhar de acordo com cultura social de cada comunidade. Eu sou uma professora não indígena eu já trabalhei em outra escola não indígena, a realidade de uma escola indígena e uma não indígena é bem diferente, porque aqui eles tem uma cultura, vivem até hoje uma tradição, eu não posso chegar aqui simplesmente e tentar arrancar isso deles porque, já é nativo nasceram com isso, então eu tenho que fazer o quê? Eu tenho que valorizar minha aula em cima da cultura dele, porque isso que eles vão levar pro resto da vida, tanto os pais quanto os alunos, quantos filhos deles quando eles se casarem, eles vão estar inserido neste contexto também. Então assim a cultura vai sendo valorizado de acordo com as pessoas, então eu não posso chegar e interferir na cultura deles que ja é deles.

A língua indígena é muito interessante e muito importante, porque os alunos tem armas muito grande na mão que é a própria língua. Eles estão inseridos no contexto que só a gente que é professor não indígena conhece, porque as pessoas quando vêem os indígenas na cidade, acredito que pensam eles estão dizendo alguma coisa, mas só a gente que convive com eles no dia a dia consegue entender como é a cultura deles e como é importante. Tem pessoas que não dão valor a uma cultura, uma tradição, mas pra os indígenas surui é uma coisa muito importante, pra gente também, porque eles tem algo mais do que a gente. Nós temos a língua portuguesa, eles tem língua inglesa e língua indígena que são ferramentas muito

importante pra eles. Como os professores indígenas que estão estudando, se eles forem viajar pra outra cidade, para outro país, de repente eles encontrarem com a pessoa que falam indígena, um doutor, por exemplo, eles vão estar com tudo na mão e o professor aqui que não é indígena ele já não vai ter esse privilégio de falar essa língua.

Então é muito importante e tem muito valor, eu acredito assim que eles não podem, de maneira alguma, deixar que alguém entre aqui e tire esse direito deles, por mais que a sociedade está evoluindo a comunidade, o nosso mundo está evoluindo mas o direito deles ter culturas tem que ser preservado de alguma forma, então o professor branco tem que se conscientizar disso e tem que trabalhar com contexto relacionado a realidade deles no dia-a-dia é claro que nós não podemos ficar presos só nestes conteúdos, porque quando eles forem estudando eles vão sair pra fora pra estudar, assim o professor branco ele tem que tentar ensinar outros conteúdos, mas no contexto que ele não vai esquecer a Língua dele de maneira alguma.

7.3. 3- Análise documental – segundo seguimento do Ensino fundamental

Analisamos os cadernos de planejamento, os cadernos dos alunos e os livros utilizados pelos professores.

Verifiquei o planejamento do professor de língua materna de 6º ao 9º ano, vimos o registro de trinta e cinco planejamentos do 6º ano, dezesseis do 7º ano compostos de objetivos, estratégia e avaliação, nos anos 8º e 9º constam só os conteúdos escritos.

O professor disse que a aula de língua materna é trabalhada na quinta e sexta-feira da semana, com carga horária é de 80h por ano, sendo que é dividido em 20 horas de carga horária em cada bimestre. Com relação aos conteúdos verifiquei dezoito planejamentos de gramática, doze de produção de texto, outros foram como na limpeza da escola e outros.

Do 7º e 8º anos não tinha os componentes do planejamento apenas os conteúdos para serem trabalhados.

Não conseguimos relacionar o planejamento da professora com as atividades dos alunos. Uma das atividades que conseguimos foi que colocamos a seguir. Como podemos ver a seguir:

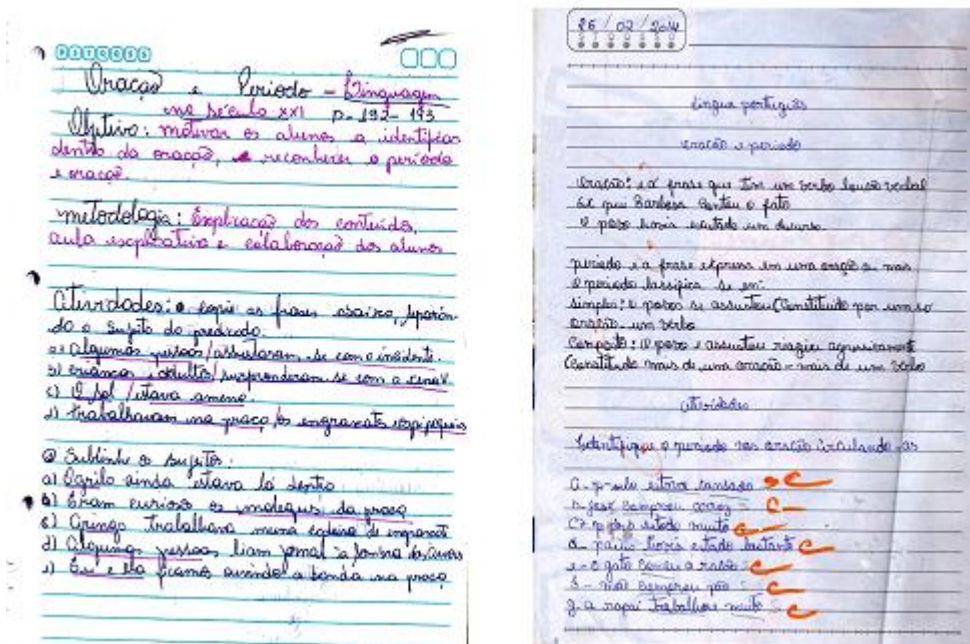


Imagem 28. Atividades dos alunos

Este foi o único planejamento que conseguimos relacionar com o caderno dos alunos.

percebi que os conteúdos são fragmentados e estão voltadas pra estrutura da língua portuguesa prioriza as atividades de gramáticas e ortografia.

Em 24 planos analisados três são produção de textos os outros estão relacionados a gramática, ortografia e definição dos conceitos. Possenti (1996, p. 53) fala das diferenças do ensino de língua e ensino de gramática:

... Se ficar claro que conhecer uma língua é uma coisa e conhecer sua gramática é outra. Que saber uma língua é uma coisa e saber analisá-la é outra. Que saber usar suas regras é uma coisa e saber explicitamente quais são as regras é outra.

Ortografia - emprego do S e do Z

Objetivo: trabalhar com ^{ditado} diálogo para que o aluno consiga escrever as palavras corretas.

metodologia: Exposição dos conteúdos, aula explicativa.

Atividades: Ditado. So com S

casa - homem - aversão - cansar -
 celebração - em - rifão - tenso - valsa -
 órvia - salpiche - pulzeiro - febo - pretensão -
 farsa - imersão - ganso - pensão - hortênsia -
 agasalho - gasolina - alisar - leusa - análise -
 milanesa - asa - museu - besouro - paralisia -
 brasa - pisames - brisa - casamento - eclisã - cortina -
 coser (costura) - defesa - empresa - formosura - fusível -
 pesquisa - querosene - represa - residência - revisão -
 tesoura - tosar - traseira - vasilha - vês (rubrica)

azar - azedo - azitona - azia - azul - baliza - batizar -
 cozer (cozinhar) - cozinheira - deslizar (escorregar) - desprezo -
 fraqueza - fuzil - gaze - goze - juízo - limpeza - organizado -
 prazo - prezar - prezado - preza - reza - trazer - vez -
 utilizar - razar & raze - vez (substantivo) - vizinho.

Imagem 29. Planejamento professor de língua portuguesa 6º ano.

Exemplo de planejamento com o conteúdo de produção de texto:

D
S
T
Q
Q
S
S

Prof^a: Janeis Gonçalves

Leitura e interpretação de textos

A árvore tinha 'de ser árvore'?

Objetivo: motivar a leitura, levantar conhecimentos prévios, oferecer oportunidade para o aluno expressar seu ponto de vista.

metodologia: aula expositiva, explicação do conteúdo,

Atividades do livro p. 1 a 4

Avaliação - Perceber se o aluno está conseguindo alcançar o que lhe foi proposto durante a aula, se ele não conseguiu, explicar novamente e aplicar novamente o exercício que eles não entenderam e não conseguiram executar.

Imagem 30. Planejamento de língua portuguesa.

000 10/2013 DSTQSSS

Produção textual (poema).

Objetivos - Fazer com que os alunos percebam que o poema existe em cada verso contém 7 sílabas poéticas, o que confere ritmo ao poema.

metodologia - Combinar com os alunos uma maneira bem animada de ler o poema coletivamente, no momento da leitura, caprichar na voz.

Atividades " 1 / 2 / 3 / 4 / 5 / 6 / 7 /

na famosa Vila Bela,
Estado do Pernambuco
naseu o chepa fero
Do campo e do trabuco
chue durante muitos anos
nosso sentao pôs moluco."

Percebemos que os registros do plano de aula estão desconectados não tem uma sequência lógica, nos 24 planos analisados não encontramos nenhuma atividades sequenciadas e em muitos não há a data do dia que foi trabalhado.

Não é possível perceber de qual série o planejamento se refere, mas são atividades relativas ao sexto ao nono ano. Observamos que a professora utiliza planejamento do ano anterior, além disso utiliza os mesmos planos de aula para todas as escolas.

O planejamento escolar segundo Zabala (1998) :

[...] é uma tarefa docente que inclui tanto a previsão das atividades em termo de organização e coordenação em face dos objetivos propostos, quanto a sua revisão e adequação no decorrer do processo de ensino. O planejamento é um meio para programar as ações docentes, mas é também um momento de pesquisa e reflexão intimamente ligado á avaliação.

Se levarmos em consideração o que Zabala diz sobre planejamento posso dizer que o planejamento da professora não atende aos objetivos do planejamento, pois não vincula objetivos e avaliação, nem existe para contribuir com uma organização da aula de acordo com os objetivos proposto por ela.

O autor coloca ainda que sobre a importância do planejamento escolar, onde o docente organiza toda a ação da sua atividade a partir do conteúdo em toda a intervenção pedagógica que assim deverá seguir o caminho certo de trabalho que queira fazer, então autor diz que:

O planejamento é uma atividade de reflexão a cerca das nossas opções e ações; se não pensarmos didaticamente sobre o rumo que devemos dar aos nossos trabalhos, ficaremos entregues aos rumos estabelecidos pelos interesses dominante da sociedade.

Para mim esta fala do autor me faz refletir que é preciso pensar sobre o conteúdo que vou trabalhar com o aluno, se vale a pena ou não.

Primeiro precisamos entender o conceito de planejamento ai entendo que através desse planejamento vou ter mais clareza de onde eu quero chegar com meus alunos. O planejamento, então, é muito importante para o professor para apontar o trabalho no caminho certo e alcançar o objetivo do trabalho.

Refletindo o planejamento da professora encontram-se algumas atividades interessantes no caderno de aluno “como quem escolheu seu nome?” Mas as atividades que ela trabalha não tem relação com livro, utiliza cópia, exercícios de classificação de gramaticais, bilhetes, alguns exercícios de tradução de texto na língua materna, portanto no caderno de aluno há atividades que não estão relacionadas ao planejamento da professora, aparece também um comentário de filme “menino que roubava o livro” e também um trabalho interessante “calendário indígena” que ela trabalhou também com os alunos de 6º ano, então o planejamento da professora não está de acordo com o que realmente trabalhou.

No caderno de língua materna do aluno encontra-se também a produção de texto, tradução de texto para língua materna e língua materna para língua portuguesa, cópias, enunciados dos exercícios são em português.

A professora costuma enviar tarefa para os alunos fazerem em casa, geralmente é uma redação ou uma pesquisa:

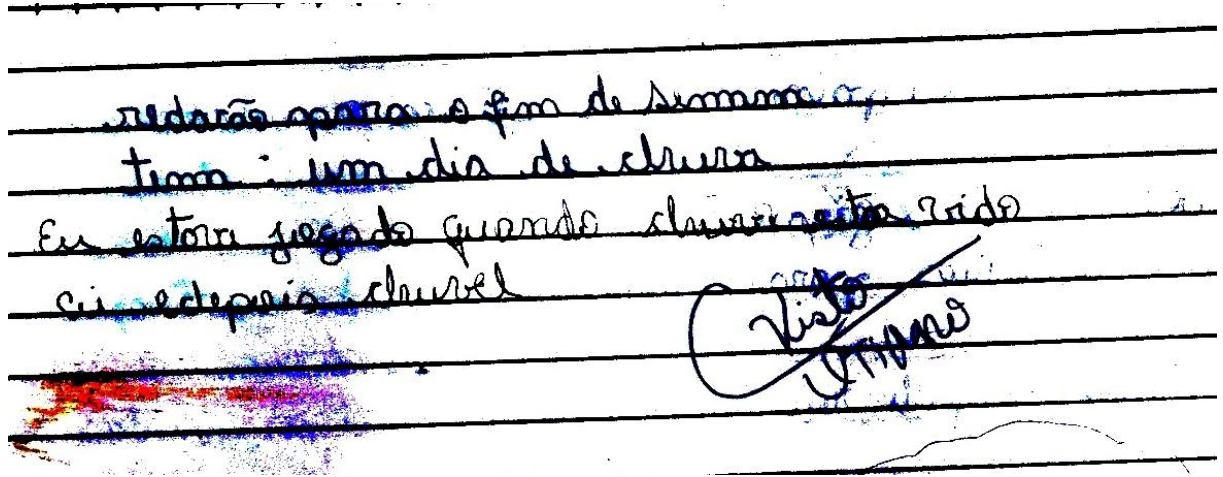


Imagem 31. Atividade do aluno.

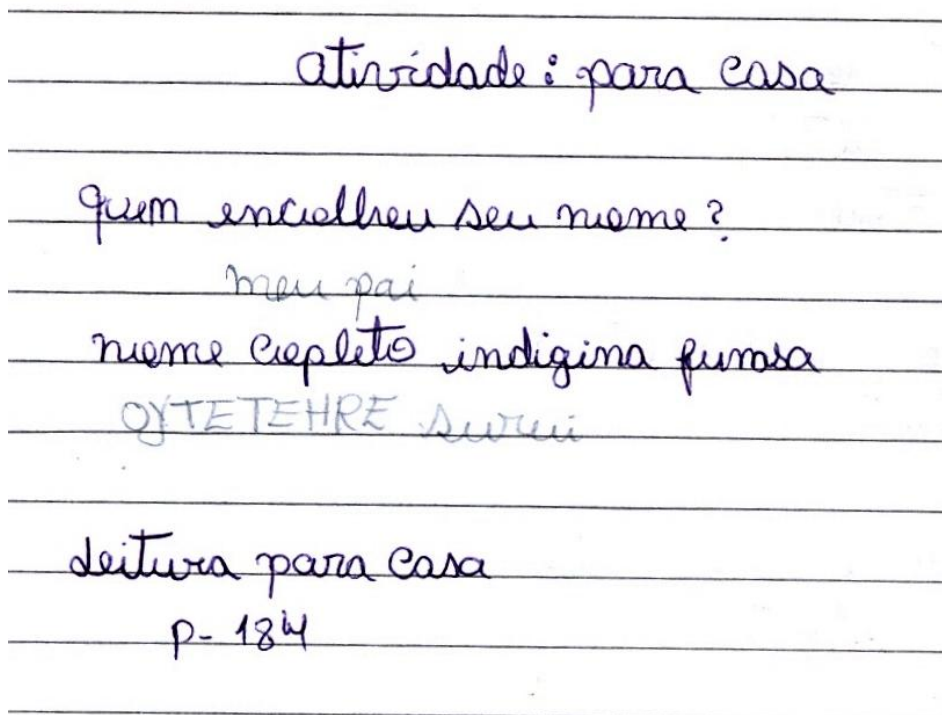


Imagem 31. Atividade do aluno.

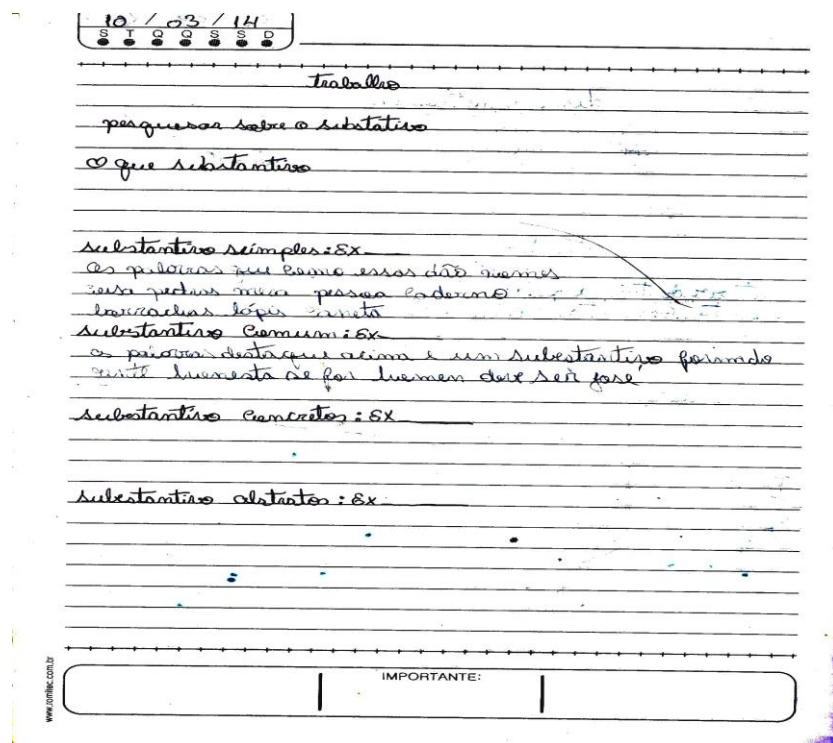


Imagem 32. Atividade do aluno.

Uma atividade interessante foi este calendário que os alunos fizeram com orientação da professora. Para fazer este trabalho te que mobilizar os sabedores da aldeia.



Imagem 33. Atividade do aluno.

Com relação ao livro didático utilizado de 6º ano tem dez unidades que estão constituídos em estudos de textos, vocabulário, intertextualidade, também utiliza vários gêneros textuais, diálogo, projeto, tirinhas e textos gráficos, esses textos não tem haver com os índios, é bom livro porque traz várias informações, mas totalmente fora da realidade dos indígenas.



Imagem 34. Livros didáticos.

A professora trabalha bastante com livro didático. Trabalha com conteúdos diferentes para cada series mesmo que são multiseriadas, no 6º ano ela trabalhou com as pontuações de sinais e os mesmo conteúdos para 7º ano só que ela pediu para essa turma colocarem as pontuações dentro do texto produzido de acordo com a leitura e onde deve colocar e para oitavo ano o advérbio enquanto nono ano com a linguagem configurada, então percebo que os conteúdos são diferente de serie.

Na entrevista a fala da professora dentro do trabalho dela é diferente quando fala do trabalho para o planejamento.

Percebo que o trabalho da professora tem pontos positivos e negativos. Como positivo podemos destacar a produção de texto, a professora diz que gosta de trabalhar com gêneros textuais e tem a preocupação em trabalhar aspectos culturais que está mais destacada

na entrevista *"Eu acredito que assim, pra valorizar uma aula eu tenho que trabalhar de acordo com cultura social de cada comunidade"*. Mas isso não fica muito claro quando analisamos o seu planejamento. Como pontos negativos podemos destacar que a professora trabalha muito com gramática e muitas vezes descontextualizada. Os dados nos mostram várias contradições, uma delas é: gosta de trabalhar com produção de texto x prioriza gramática.

Encontrei dificuldade de confrontar o planejamento com as atividades do caderno.

Apesar de tudo, na entrevista ficou claro que a professora gosta de trabalhar na escola indígena, gosta do jeito dos alunos e das pessoas da aldeia. Percebo que talvez falte para professora um maior preparo para trabalhar em um contexto bilíngüe e intercultural, mas tem boa vontade para desenvolver o trabalho, na nossa verificação.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho teve como objetivo investigar se o ensino de línguas na escola está contribuindo para o fortalecimento dos conhecimentos do povo Paiter e da sua língua. Esta escola está inserida na aldeia Paiter, linha 09 na terra indígena Sete de Setembro, localizada no município de Cacoal, Rondônia, onde há 22 famílias com uma população de 114 pessoas, sendo que maioria é jovem que vivem nesta aldeia.

Como professor de língua materna percebi a importância de compreender melhor como era o trabalho dos professores na escola, principalmente com relação a valorização lingüística e cultural. Observava muita influencia da cultura dos não indígenas principalmente junto aos jovens. E me perguntei será que a escola contribui para o fortalecimento da cultura e da língua Paiter ou acaba acelerando sua perda? E esta foi a minha questão de pesquisa.

Sabemos que a Lei diz que a educação escolar indígena é diferenciada e de qualidade, assim como também especifica, intercultural e bilíngüe e este trabalho quer contribuir para efetivação desta Lei.

Ao iniciar a pesquisa de campo percebi a necessidade de entrevistar pessoas mais velhas e perguntar a elas sobre a educação tradicional e como vêm a escola dentro da aldeia, estas duas entrevistas foram fundamentais para eu compreender como devia iniciar o meu trabalho, não tinha como verificar as diferenças sem ter com o que comparar. A educação Paiter era ensinada a sua maneira, os conhecimentos eram passados de pai para filho. A educação Paiter era dividido em dois conhecimentos, masculino e feminino, a mulher ensinava a filha e o homem o filho. Destaco na entrevista os conteúdos que eram ensinados eram voltados as questões sociais, trabalho, conhecimento das histórias. A escrita foi enserida aos poucos e parece resumir um pouco o que o povo pensava da escola, um lugar onde se aprende a escrever. Então as entrevistas foram muito importantes, elas demonstraram a diferença da educação Paiter, para educação escolar na aldeia Paiter, mostrou também as contradições de um povo que quer uma escola que se apresenta a ele no momento do contato, mas reconhece os perigos que vem com ela

Hoje o povo Paiter tem as escolas dentro das suas aldeias, devido a intenção do homem branco de socializar os índio Paiter, mas o povo Paiter deve tomar cuidado com a escola pois ela é maior arma contra índio se ele não compreender como ela deve funcionar dentro da aldeia. Através dela aprendemos escrever e ler, coisa que nos Paiter não sabíamos, mas não só porque nós Paiter sabe ler e escrever, falar na língua portuguesa, usar roupa não deixa de ser índio, mas precisamos da escola hoje por necessidades e somos obrigados a aprender os conhecimentos não indígenas. Por meio da escola nós compreendemos melhor, dialogamos, respeitamos e defendemos os nossos direitos através.

Quando o Cacique fala assim parece querer demonstrar que a escola tem dois lados, então ao meu ver tem que trabalhar a cultura e os conhecimentos que precisamos para conviver no mundo do não indígena. Assim com o diz o referencial:

a escola pode ajudar no processo de desaparecimento de uma língua indígena, ela também pode, por outro lado, ser mais um elemento que incentiva e favorece a sua manutenção ou revitalização. Que papéis a língua indígena devesse ter na escola, se é isso o que se deseja? (p. ...)

Por meio das observações da aula, análise de planejamentos e dos cadernos de alunos foi possível perceber que nas turmas de 1º ao 5º ano o trabalhos dos professores estão voltados mais na valorização da cultura, porque trabalham mais na língua materna e não usam o português. Utilizam a pesquisa como metodologia dentro do conhecimento Paiter, valorizam o conhecimento que o aluno traz. Nesses anos verificamos que o ensino de língua materna fortalece a cultura e a língua Paiter. Mesmo o professor não tendo um plano de aula escrito, vimos na sua prática uma sequência nos conteúdos trabalhados.

Já nas turmas de sexto ao nono ano na disciplina de língua portuguesa percebi que os conteúdos são fragmentados, ou seja, não tem uma sequência dos conteúdos. Verifiquei isso no planejamento e nos cadernos dos alunos. Também percebi que os professores de sexto ao nono ano trabalham mais com gramática que com textos. Isso demonstra a concepção que os professores tem de uma língua, autores como Sírio Possenti (1996) e Marcos Bagno dizem que a gramática é parte da língua, não é toda a língua. Então parece que a prática dos professores não indígenas no ensino de línguas demonstra que eles consideram que ensinar uma língua é ensinar a gramática dessa língua. A língua de um povo nunca está isolada do seu contexto social e da sua cultura, então o ensino de línguas deve levar em consideração estes elementos.

No caso do ensino de língua materna, onde eu ministrei esta disciplina, esta pesquisa me mostrou que talvez eu achasse que meu trabalho estava bom, mas não estava. O meu planejamento era fragmentado, não tinha uma sequência. Não fazia um bom planejamento para trabalhar com certa lógica os conteúdos. Não tinha continuidade, ficava superficial o que ensinava. Acho que era falta de um bom planejamento. Nas atividades que eu observei dos alunos demonstra a não valorização da língua, pois os enunciados que são para orientar o exercício era feito na língua portuguesa para os alunos fazerem na língua materna. Fiquei refletindo sobre isso, porque da minha escolha, não sabia dizer, talvez costume, não percebia que isso desvalorizasse a língua.

Uma coisa que sinto, pensando no meu trabalho é que parece que no segundo seguimento do ensino fundamental o professor indígena tem que se enquadrar mais fortemente, em um sistema que não é nosso. Não é fragmentado em disciplinas que o povo Paiteir pensa a educação, o ensino no dia a dia, então não dá certo, fico um pouco perdido, parece que este ritmo não combina com nossa vida.

Pensar sobre minha prática resultou em melhorá-la, hoje estou explorando mais as atividades, planejando melhor minha aula. Fazendo planejamento melhor.

Esta pesquisa, então, nos mostrou que apesar de atividades voltadas à cultura e algumas atividades com temas da cultura desenvolvidos pelos professores, o trabalho dos professores de 1º ao 5º ano demonstram uma maior preocupação com a valorização linguística e cultural que no trabalho dos professores de 6º ao 9º ano. Logo a escola tem momentos que contribui para o fortalecimento da língua e cultura e momentos em que a língua e cultura são esquecidas, sendo assim não contribui para o fortalecimento da língua e da cultura.

Esperamos que através desta pesquisa possamos melhorar os pontos negativos para o ponto positivo e direcionar o rumo certo do trabalho para alcançar o objetivo que a comunidade anseia. Também, podemos dizer que esta pesquisa de ensino de língua buscou identificar os pontos negativos e pontos positivos durante a realização e orientação, portanto o trabalho de ensino de língua deve melhorar através do diagnóstico feito, então concluímos que o ensino para séries iniciais está fortalecendo sim, mas para as turmas de 6º ao 9º ano não está, falta o trabalho bem planejado para o sentido que fortaleça o uso de língua.

REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS

MEGALE, Antonieta Heyden. *Bilinguismo e educação bilíngue – discutindo conceitos*. Revista Virtual de Estudo da Linguagem – ReVEL. V. 3, n. 5. Agosto de 2005. ISSN 1678-8931 [WWW.revel.inf.br].

GROJEAN, F. *Life with two languages: Na Introduction to Bilingualism*. Cambridge: Harvard University Press, 1982.

CENSO, 2010, Disponível em http://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/periodicos/95/cd_2010_indigenas_universo.pdf, acesso, em 28 de fevereiro de 2015.

FUNASA, Relatório da população Paiter ano 2010, mimeo.

FGV CPDOC, disponível em <http://cpdoc.fgv.br/acervo/historiaoral>, acessado em 01/03/2015.

FERREIRA, Mariana Kawal Leal . A Educação Escola Indígena : um diagnóstico da situação do Brasil. In. SILVA, Lopes Aracy da. e FERREIRA, Maraiana Kawall Leal Org. **Antropologia História e Educação- A questão Indígena e a Escola**, São Paulo , Global , 2001.

FREIRE, José Ribamar Bessa. Trajetória de muitas perdas e poucos ganhos. In: Educação Escolar Indígena em Terra Brasilis - tempo de novo descobrimento. Rio de Janeiro: Ibase, 2004. p. 11-31.

TASSINARI, Antonella M. I. Escola indígena: novos horizontes teóricos, novas fronteiras de educação. In: SILVA, Aracy Lopes. FERREIRA, Mariana Kawall Leal. (Orgs) Antropologia, História e Educação. São Paulo: Global, 2001, p. 44-69.

PAULA SANTOS, Carla Sofia de. O CONTACTO LÍNGUISTICO ENTRE DUAS LÍNGUAS DE MODALIDADE DIFERENTE - Análise do Contacto Linguístico entre a

Língua Gestual Portuguesa e a Língua Portuguesa Escrita - Dissertação de Mestrado. Universidade Católica Portuguesa. 2010.

ISIDORO, Edineia Aparecida. **Situação sociolingüística do povo arara: uma história de luta e resistência.** Goiânia, UFG , dissertação de Mestrado. 2006.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: Saberes Necessários a Prática Educativa.** Paz e Terra , Coleção Leitura, São Paulo, 1996.

FLEURI, Reinaldo Matias, (2001). Intercultura e educação. Revista Brasileira de Educação , Maio/Jun/Jul/Ago 2003 N° 23..

POSSENTI, Sírio. **Por que (não) ensinar gramática na escola / Sírio Possenti —** Campinas, SP :Mercado de Letras : Associação de Leitura do Brasil, 1996.

BAGNO, Marcos. **Preconceito Linguístico, o que é , como se faz.** Ed. Loyola, 1999; em 15ª ed.

ANEXOS

ANEXO 1 – TÍTULO

APÊNDICE

APÊNDICE 1 – TÍTULO